

n

332

3

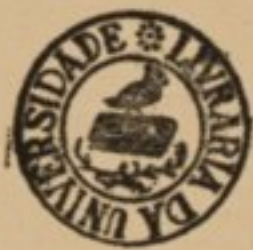
6

28

Memorias

Diario ao correr da pena:

Vol. . . .



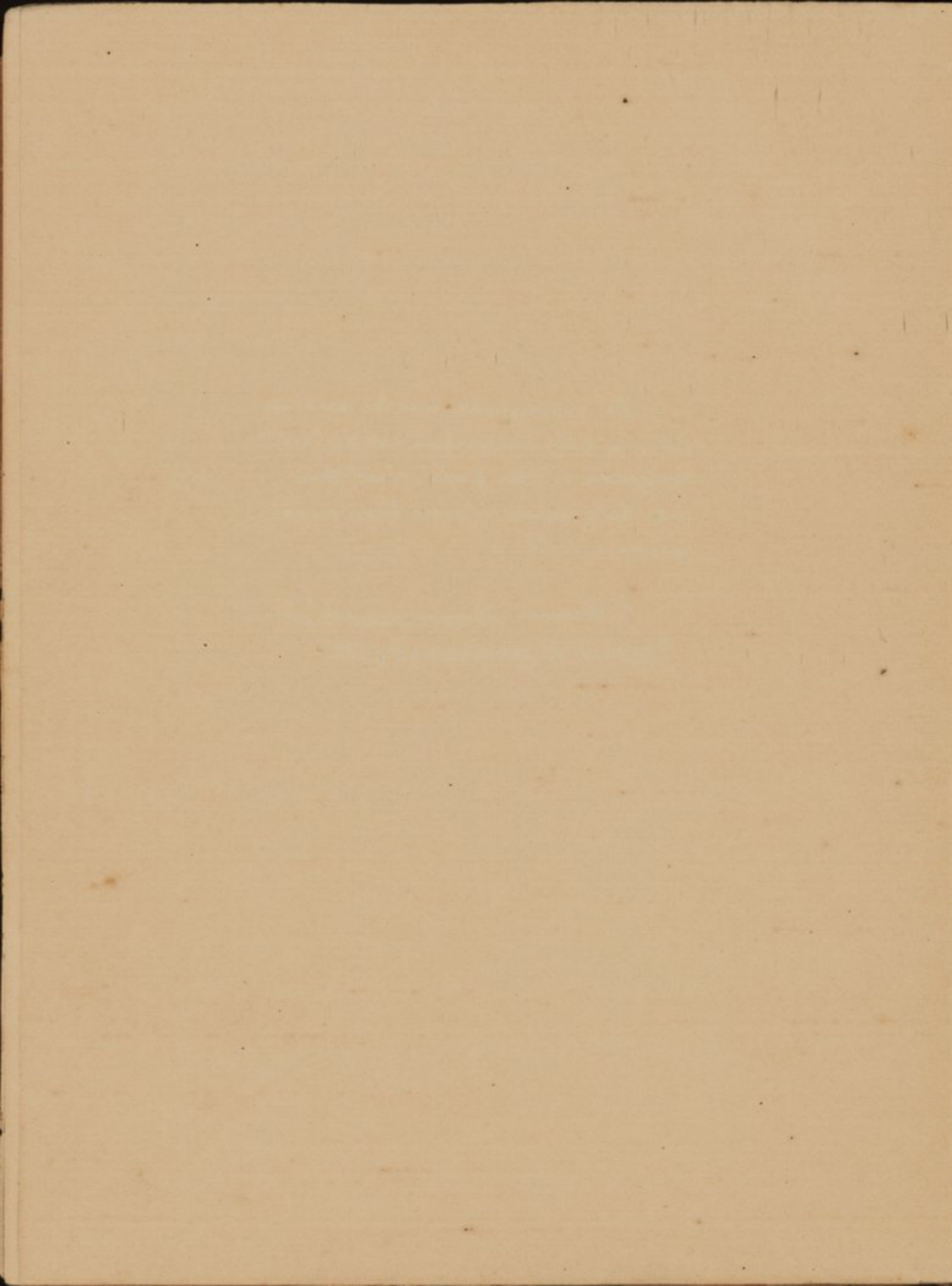
1891

~ 1928-1932 ~

7

« S'imaginer que les menus
détails sur sa propre vie valent
la peine d'être fixés, c'est don-
ner la preuve d'une bien mes-
quine vanité. »

E. Renan: Souvenirs d'en-
fance et de jeunesse, pag. III.



- 1928 -

Aleil : 23.

Procurei hoje o juiz Gilberto de Arapão, do juízo criminal, a quem expuz os casos que se têm dado com o Antonio Vianna e a necessidade de uma intervenção da Justiça.

Ele disse-me que sim, que tudo o que expuz poderia ser base dum processo e animou-me a prosseguir.

Aleil : 25.

Encontrei hoje o Tomás da Fonseca que me disse que o advogado Humberto de Araújo me queria procurar para falar ácerca do Ant.º Vianna. Vi logo que a me.ª visita de ante-onhem deu o "alerta"; o inspector Eurico de Campos viu-me, preveniu o Vianna — e daí a intervenção do advogado.

Talpei-me com o Tomás porque este, ingénuo como é, meteu-me mêdo com o Gonçalves, com as complicações que para este visiam de qualquer procedimento, etc. etc.

Mais: 10.

Fui hoje abordado pelo advogado Humberto de Araújo. Mostrou-me com o Kristado como a situação do Antonio Viana e disse-me que este o constituiria advogado.

Perguntei-lhe se ele tinha algum processo pendente...

— Eu não (respondeu); mas eu fim... para resolver a situação... como amigo...

É chegou a oferecer a demissão do lugar para se acabar com a má situação criada. Eu achei bem que o homem pedisse a demissão e disse-lhe essa atitude poderia resolver o problema; e disse-me mais que advogaria no Conselho a suspensão de qualquer procedimento etc. etc. Expus-lhe o que havia sobre o assunto com as cautelas devidas, pois falava com advogado.

Mais: 18.

Tive conversa com o advogado Humberto de Araújo.

Palavras amáveis de parte a parte mas nada se adiantou.

Julho : 18.

O Antonio Augusto Gonçalves recebeu ante-ontem uma carta anônima muito curiosa que me deixou copiar e que vai adiante, no fim do volume.

Varias hipóteses se fizeram acerca do autor. A maioria vai para o advogado do Humberto de Araújo; mas é possível que seja também do Paul Miranda. Para mim, é a hipótese mais provável.

Agosto : 12.

Finalmente, fui entregar a participação ao Dr. Gilberto de Bessa Araújo.

Fui a casa dele para que, na policia, não me vissem e fossem prevenir o Antonio Viana.

O juiz pediu algumas ligeiras alterações por causa de formalidades burocraticas e, neste caso, necessarias porq. os advogados servem-se de tudo para fazer chicana.

A participação foi em papel selado com o selo do Conselho de Arte e Arqueologia; e é bom aqui notar que esta resolução foi tomada por mim sem o conhecimento do Conselho.

Quando reletter a bomba é que eu direi, em pessoa, de minha justiça — e estou convencido de que não agrada-rá o meu procedimento.

A participação vai adiante, no fim do volume, como documento.

Agosto : 31.

A igreja de S. Bento parece que sempre vai a terra.

Mais uma destruição inútil que ficará á conta da ^{ma} Le. Política.

Resumindo :

Em meados de julho ultimo veio a Coimbra o professor Duarte Pacheco, ministro da Instrução que visitou, muito naturalmente, o Liceu José Falcão.

Nesta visita foi acompanhado pelo illustre Dias Pereira, seu antigo professor, que sempre surge quando ha gente grãda a quem fazer zumbaios. Ao entrarem na desmantelada igreja de S. Bento o Dias Pereira insinuou que aquilo de-veria ir abaixo, que estava o deseu voluntamento do Liceu, o acabamento da sua frontaria, etc. etc. e acrescentou que só catarrices de argues topos é que tem oestado á demolição. Ora o ministro parece que percebe qualquer coisa de arte

e com este lamiré do cicerone, olhou com atenção a abobada, considerou um pouco e disse:

— Mas isto é muito bom! Isto não pode ir abaixo!

Flores com certo espanto e certo desajon-
taamento nos circunstantes interessados;
mas o Dias Pereira distancou e lá conse-
guiu dizer que o melhor seria mandar es-
tudar o assunto por gente competente
para o caso ficar bem resolvido; e quan-
do apauzou o ministro a ceder, pediu
da carteira e apresentou-lhe logo a co-
missão que poderia ser nomeada...

Como se vê, perfeito.

O ministro não teve cara para di-
zer que não e levou a nota dos nomes.

Em 25 do mesmo mês de julho pas-
sado, foi assinada a portaria que adean-
te deixarei arquivada e que veio pu-
blicada nos jornais tempo depois da
primeira reunião da comissão nomea-
da — a qual foi fixada para o dia 29 do
dito mês.

Como se vê, tudo á capuxa, á ma-
troca, mas dentro do plano.

Quando tive conhecimento do caso,
fiz uma nota officiosa para os jornais
da terra ao mesmo tempo que recebi

uma carta do secretario do Conselho, escrita de Tondela, pedindo orientação sobre o assunto, pois que sendo um dos vogais da comissão julgava que assim representava o Conselho. ⁽¹⁾

A nota officiosa era a seguinte:

« Igreja de S. Bento. — O Conselho de Arte e Arqueologia da 2.^a Circumscricão, dá conhecimento de que não foi ouvido nem teve a menor interferencia na escolha e nomeação de uma comissão que, ha dias se reuniu em Coimbra para decidir acerca da igreja de S. Bento. Os dois vogais que dela fizeram parte não representaram, por consequencia, o Conselho.

Inferna ainda o Conselho de que, a respeito da referida igreja já por nêses e por unanimidade, tem formulado o seu voto, bem claro, pela conservação da mesma. »

Mas o interessante é que os jornais não a publicaram porque a censura a cortou !...

Paralelamente, o Tomas da Fonseca levantava o alerta no jornal O Desper-

⁽¹⁾ A carta está na collecção.

Car, em 11 do corrente com um artigo
pequeno, muito curioso, cheio de ironia
fina e algum tanto cortante — mas que
mereceria a troca do illustre Dias Pereira.
E de facto este sr. respondeu na Gazeta
de Coimbra com uma noticia que parece
da redacção, em 14 tambem do corrente,
mas que eu sei ser da sua autoria.

Uma e outro ficaram arquivados, no
fim do volume á laia de documentos.⁽¹⁾

Tudo isto me revoltou.

E' claro que respondi logo á carta de
Ferreaz do Carv.º dizendo que o Conselho
nada tinha com o assunto e que fizesse
ele o que quizesse; e chamando o Tomás
da Fonseca convidai-o a ir comigo ao
Governo Civil protestar contra a má pu-
blicação da nota officiosa.

Isto foi combinado em 15, dia em q.
escrevi a seguinte carta ao José Antonio
Madeira, Tenente de Artilh.ª, Doutor em
matematica e secretario do ministro Pe-
checo.

« Meu caro Madeira:

« Desculpe a meação desta carta; é
"possivel que seja catunice, mas vai.

⁽¹⁾ A pag.º 387, e 388.

« Ha dias esteve aqui o sr. ministro
 " da Instrução (por sinal que reingereu de
 " importancia ao Conselho de Arte e Arqueos-
 " logia para lhe mandar qualquer comite
 " ou mesmo simples aviso) e visitou a
 " igreja de S. Bento .

« Dessa visita resultou uma portaria
 " que nomeou uma comissao em que apa-
 " rece o « secretario do Cons.º de Arte » ; da
 " portaria veio a reuniao da comissao ha
 " uns dias ; da reuniao saiu o parecer de
 " que a igreja e monumento de valor
 " mas que deve ir a terra ! ...

« Ora o que eu queria que o meu Am.º
 " poubesse era o seguinte :

« 1) A comissao foi arranjada pelo dr.
 " Dias Pereira que quer, ha muito, a igre-
 " ja demolida ;

« 2) A igreja e um monumento de
 " raro valor e nao pode ser demolida só
 " com duas razoes ;

« 3) O Conselho de Arte e Arqueologia
 " e a Inspeccao dos Monumentos sao as uni-
 " cas entidades que tem opiniao sobre o
 " assunto e nao foram ouvidas nem
 " achadas acerca do caso presente ;

« 4) O secretario do Conselho foi in-
 " cluido na portaria para impedir o publi-
 " co que assim ficaria com a impressao

"de que o Conselho o nomeou seu repre-
 "sentante — quando o representante natu-
 "ral é o presidente;

"« 5.º) A secção de Arqueologia de "O Pres
 "diário", a que se refere a nota officiosa da co-
 "missão é coisa que desapareceu há uns
 "vinte annos; e

"« 6.º) Tratando-se de monumento de
 "raro valor não foi chamado um archite-
 "cto . . .

"« O sr. ministro foi informado de tudo
 "isto? Sabe bem do que se trata? Não teria
 "sido iludido por informadores interessados
 "apenas em demolir a igreja?

"« Enfim, em tudo isto há tanta irregu-
 "laridade e tanta contradicção; tanto des-
 "respeito pelas memórias mais communi-
 "cadas que eu não posso acreditar que o
 "ministro saiba do que se trata e quero
 "crer que pormente fundamentou a sua
 "decisão na boa-fé de que o não enega-
 "riam. Estarei em supellido e comi-
 "go todo o Conselho a que presido?

"« Ora o meu Am.º, como está dentro
 "do Gabinete e como conhece a terra e os
 "seus homens, se procurará infer-
 "mar-se melhor p.º melhor informar o
 "seu ministro ou estado, sendo que é ca-
 "harrice de quem passa a vida com papeis

"bolorentos, rasgue a carta e não pense
" mais no caso ...

« E desculpe o que é, etc. etc. »

Em 16, anunciei-me ao Governo Civil como presidente do Conselho de Arte e Arqueologia, levando consigo o vice-presidente Tomás da Fonseca. Ambos recebidos optimamente pelo governador e xão o major Sergio de Castro — bexipa de vaidade que nem ao menos tem dentro.

Depois dos cumprimentos da praxe fez-me a questão ruia e crua:

— O Cons.º de Arte e Arqueologia está impossibilitado de publicar notas officias?

Ele disse que ia averiguar. Foi lá dentro. Voltou pouco depois com um sorriso nos labios e disse que a ultima nota officiosa não fôra publicada, segundo inferuáram os officiais da censura, porque o dr. Dias Pereira lhes pedira para a não deixarem publicar por conter materia anti-ditatorial!...

Eu fiquei a olhar com pouco para ele; quasi não acreditei; mas depois, re-
verentemente, com grande regozijo do Tomás da Fonseca, disse para o Sergio de Castro que, verdade, verdade, enviou

impassível se tem que receoso, certamente, de alguma das minhas:

— Sr. Governador civil: antes de 28 de Maio, quando alguns camaradas nossos (e entre eles U. Le^a.) me procuravam para me aliciarem para o movimento "regenerador" que preparavam, um dos muitos citados casos mais nefastos para o País e que era necessario escorraçar de uma vez para sempre, era precisamente o dr. Dias Pereira. Suasi á volta do seu nome se fazia a propaganda do movimento salvador. Ora como é q. agora esse senhor tem o arrojo de dar adeus á censura e U. Le^a. a fragueira de as tolerar?

O Sergio de Castro como o caso era novo para ele, sentiu-se atrapalhado e titubou. Disse banalidades, que não sabia, que eu tinha razão e terminou por afirmar que a nota officiosa seria publicada.

Levamos-nos, despedimos-nos e mais nada!

O Tomás da Fonseca, na escada, esfregou as mãos, de satisfeito. E a nota officiosa lá foi publicada, mas para do tempo e seu dar o efeito que, na occasião, devia dar — e que seria justo e necessario que desse.

Nesse dia, na Gazeta de Coimbra, o Dias Pereira fez publicar, á pais de ar-
tigo de redacção, a noticia que guardo no
fim do volume, para documentar este sin-
gular episodio da historia da arte em
Coimbra; por ella quiz encerrar a ques-
tão e dar explicações ao publico. Vê-se
bem como elle torce o assumto e como
pretende envolver o Conselho de Arte e
Arqueologia, não lhe ligando, ao mes-
mo tempo, nenhuma importancia. (")

A noticia mostra bem o seu autor
e está convencido de que foi causada
pelo artigo que, na vespera, o Antonio
Augusto Goncalves publicou em O Des-
pertar (n.º de 15 do mes corrente) e que
é modelo de polemica e de ironia con-
tudente, como elle sabe escrever.

Fosse como fosse, o Dias Pereira quiz
encerrar o diz-tu-dizei-em; e na ver-
dade o caso ficou por aqui e até com cha-
me de ouro com a noticia que em 17 o
Seculo, de Lx.º publicou:

« Quinta-feira, 16 de Agosto. — Igreja
de S. Bento. — Foi posta de parte a ideia de
solicitar um requerito ao destino que si-

(") "A pag." 389. .

veram as preciosidades artisticas da igreja de S. Bento, por se ter considerado que não só o sr. governador civil como o Conselho de Arte e Arqueologia se poderiam metter com essa iniciativa e os promotores dela estarem convictos de que aquellas entidades não deixarão de seguir o caminho conveniente para acautelar os interesses do Estado e fizeram expressar no Museu Machado de Castro aquelles objectos que, criminosam.^{te} foram retirados do templo do velho mosteiro beneditino. »

Esta noticia tem uma explicação.

Em mil oitocentos e noventa e tantos, quando o dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos foi reitor do Liceu de Coimbra, este, aproveitando as obras de transformação do edificio, tirou da Igreja azulejos, incruços e um retabelo que levou para a sua capella-jazigo de S. Paio de Graças.

Como ele fez isso, não sei; mas os processos não seriam muito legais — e embora isto seja duro de dizer, a verdade é que a capella-jazigo lá está para o atestar sem dificuldade de maior.

É claro que o dr. Vasconcelos, como bom teólogo, pensou que melhor seria

apagar os traços dessa sua lipseira; e conseguiu um parecer da Secção de Arqueologia do Instituto de Coimbra, favoravel á demolição da igreja.

Desaparecendo o templo desapareciam, naturalmente, os reparos que se fariam ás faltas de tanta coisa.

E aí está como este caso ilegal e immoral serve ao Dias Pereira para justificar o seu proposito. Veiu á discussão com um parecer de ha 30 annos, arrancado com alguma teologia — e despreza todas as opiniões de técnicos, de criticos, de artistas e de pareceres seguidos do Cons. de Arte e Arqueologia de ha quasi 20 annos, simplesmente porque aquelle lhe serve!

De sorte que esta noticia do Seculo fechou a prescripção com chave de ouro. Quem quer que a deu ou fez dar teve génio e... ronha!

Ignoro o autor; a verid.ª parece e' q. a noticia teve sobrescrita.

E com isto se pôz ponto final.

Novembro: 5.

Fui hoje procurado por um agente da policia de investigações criminal, de nome Arthur Pereira Pinto; e' o encarregado das averiguações no caso do Antonio Via

na e recebeu ordens do juiz para guardar o máximo segredo.

Dize-me que voltasse a manhã que cá estarias o Chaves de Almeida para deixar também.

Novembro: 6.

Hoje, á noite, aqui em casa, o agente Pereira Pinto ouviu o meu depoimento e o do Laurencço Chaves de Almeida. Foi mais a confirmação da participação do 9. outra coisa:

«... Que confirmo a participação que
 "apresentou nesta Directoria, na qualidade
 "de Presidente do Com.º de Arte e Arqueolo-
 "gia da segunda Circunscriçãõ. Que podem
 "dejar como testemunhas os senhores Lau-
 "rencço Chaves Almeida, residente em To-
 "rre de Baixo, Jacinto Tito da Silva Lizar-
 "do, Antonio Neves, Luis Ramos e Maria
 "da Silva, todos empregados do Museu
 "Machado de Castro. Quanto ao constante
 "da alinea D. da participação pode já esclare-
 "cer que a sobrinha da amante do argui-
 "do a que allude, se chama Laura da Con-
 "ceição e reside na rua João Jacinto desta
 "cidade. Que presentemente não tem mais
 "esclarecimentos a prestar e que está

"prontó a auxiliar a accção da justiça sem
 "pre que o possa fazer. Que nada mais ti-
 "nhia a declarar pelo que elle juiz deu este
 "auto por concluido e vai assinar com o
 "declarante e como agente que o escrevi
 "á minha." »

Contamos varias coisas a respeito de
 Vieira ao agente Pinto. Disse este, no fim,
 que o homem era "de colúmbio".

Novembro: 8.

Hoje fizeram-se buscas em casa do
 Antonio Vieira. Relembrou, pois, a bomba.

E' claro que as buscas não deram o
 resultado que poderiam dar se fossem
 feitas há mais tempo, antes dele se jura-
 ver. Contudo ainda appareceu na casa de
 polvinha da amante um reposteiro e ou-
 tros objectos do Museu.

Hoje, porém, um qui-pro-quo que
 até certo ponto complicou o caso e me deu
 má impressão.

O juiz atrapadão confundiu os nomes
 de Laurenceo Chaves de Almeida com o do
 Dr. Alfredo Matos Chaves — e citou este úl-
 timo para acompanhar a busca assim
 como me pediu q. eu fazer a mesma
 coisa. Eu lembri-me um pouco vexado
 com o pedido e disse-lho amavelmente

que não devia ir, mas o Matos Chaves foi.

Quando este saiu do gabinete perguntei ao juiz porque razão ia o medico para a casa do Viana e ele respondeu:

— Foi V... que o deu por conhecedor dos roubos!

— Eu?...

Ficámos ambos admirados. Só depois é que ele reconheceu que o apelido Chaves dá azo á confusão; e ficou aborrecido quando eu lhe disse:

— É este medico é amigo do Viana...

Onde diabo tem este juiz a cabeça?

Parece que o caso começa mal.

Novembro: 10.

Receli ontem um cartão do juiz Argão em que me diz: "foram apreendidos alguns objectos que é necessario fazer reconhecer. Convidaria, por isso, que V... e o ^{meu} Sr. Chaves de Almeida me procurassem." La fei hoje com o Lourenço ver o que ele queria.

Mostrou os objectos apreendidos, e pareceu-me que a delizancia não foi dirigida com a habilidade precisa. O juiz preoccupou-se mais com as formulas para evitar que no Tribunal a chicana dos advogados complicasse o andamento do pro-

cesso; mas fiquei com a impressão de q.
o processo não está em bom caminho.
Veremos.

Novembro: 14.

O António Augusto Gonçalves publi-
cou uma folha solta acerca do caso do Antõ-
nio Viana — que melhor seria não ter
publicado.

Fica anexa, 1.^a memoria.

Novembro: 18.

O Laurenceo Chaves Almeida rean-
dou-me hoje uma carta em que me diz
que o juiz Arapão quer falar comigo e
com ele, hoje, ás 8 h. da noite.

O juiz Arapão é serio, segundo creio;
mas uma parte do seu interesse vem
de querer chegar ao Viana que se alinha
de republicano e se sente defendido por
republicanos de certa importancia.

Será? não será?

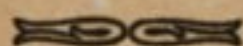
Novembro: 20.

Receli hoje, como presidente do Con-
selho de Arte um officio do juiz Arapão no
qual me pedia certos objectos do Museu
Machado de Castro para « servirem de me-
"delo para confronto » no processo.

(3)

SINDICANCIA AO PSEUDO - SECRETARIO DO MUSEU MACHADO DE CASTRO

O meu depoimento, que conveniente seria fosse detalhado e extenso, vou sumariamente resumil'o no laconismo de alguns topicos.

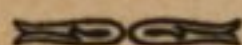


Depois de proclamada a Republica e decretada a extinção das congregações femininas, fui encarregado de proceder á escolha dos artefactos, que, adicionados aos do *Museu do Instituto*, constituiriam o *Museu Machado de Castro*, em projecto.

De Lisboa advertiram-me que, para a realização desta empresa, nenhuns subsídios pecuniarios seriam fornecidos.

Nesta situação embaraçosa um unico homem encontrei, que expontaneamente se prestou a auxiliar-me, com a mais desinteressada e louvavel abnegação. A solicitude deste prestimoso companheiro ia além de todos os limites. Abandonava a sua officina dias consecutivos, e trabalhava com actividade incansavel.

E estes bons serviços despertavam em mim o affectuoso reconhecimento, que lhe não era regateado em manifestações de simpatia e familiaridade. Porque, em troca da sua colaboração, nenhuma compensação lhe podia oferecer. Almoçava comigo; e todas as despesas de viagens e excursões, que repetidas vezes tivemos de fazer para fora de Coimbra, corriam por minha conta.

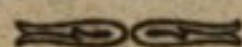


Com reclamações e instancias reiteradas pude conseguir pequenas verbas, que permitiram obras de reforma no edificio e de adaptação apropriada e decente ás instalações.

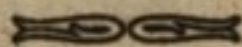
E ao cabo de alguns meses, em 1913, foi o Museu aberto ao publico.

Mais tarde uma escassa dotação lhe foi atribuida.

Como era de elementar justiça, ao admitir provisoriamente um empregado, foi — Antonio Viana — o proferido, com modesto salario, para que continuasse em exercicio dos seus bons serviços anteriores.



Nos anos que se seguiram o organismo e funcionamento ia-se fortalecendo e firmando: e a vida do Museu corria, se não isenta inteiramente de descuidos e abusos, pelo menos, com regularidade aparente e satisfatoria.



Um facto porem sobreveiu, que acordou ambições desmoralizadoras.

Em meados de 1921 teve lugar o leilão das colecções artisticas do conde do Ameal. Reuniram-se aqui negociantes de Lisboa e Porto. O empregado do Museu, já a esse tempo *secretario*, com eles travou relações.

Instigado pelos exemplos, abertamente licitava e entrava em conluios, que, na giria do negocio, tem o nome de *cambão*. E atirou com todas as reservas e disfarces de compostura e decoro ás ortigas!...

Etc., etc.

A transformação moral foi completa e escandalosa.

Leviano e atrevido, o Museu convertia-se para ele, em agencia comercial.

Era a indisciplina audaz e bruta! Nenhuma consideração de pragmatica a gradações de categoria oficial. O director era deprimido constantemente, em insinuações e blagues acintosas!...

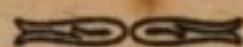
Por actos de rebelião e indisciplina, = impetos violentos e insolentes de fanfarrão = comprazia-se em alardear a sua independencia. Na sua inepecia, esses conflitos eram trofeus de gloria! Etc.

Esta situação durou anos! Pedir providencias ás entidades administrativas, seria ingenuidade. Foram os politicos que o alçapremaram a secretario do Museu, em cujo quadro tal cargo não existia!...

Achava-me no dilema de Gambeta, asstado contra Mac-Mahon: = "Sujeição ou demissão".

Apelei então para o *Conselho de Arte e Arqueologia*, decidido a alijar o ingrato cargo e retirar-me em paz!...

.....



O ministro ordenou a sindicancia, que desde um ano se vem protraindo, em interrupções inexplicaveis.

A fim de obstar a estes sucessivos e occultos embargos, o Conselho recorreu á acção decisiva do Juizo de Investigação Criminal.

Esta mediação poderá parecer antipatica, porque é de natureza hirta e opressiva. Mas era forçoso pôr termo a insidias e bravatas provocantes, sacudidas á porta dos Cafés, em espectaculos de arenga publica.

De resto,....abalada a confiança, ha motivos para suspeições graves de infidelidade, posto que não seja facil achar provas irrefutaveis e juridicas.

A favorecer os desmandos da improbidade sagaz, quando praticados com astucia e metodo, o tempo esconde-os, como se fossem sepultados em areia...

E' de atender, porem, a que se o equilibrio da ordem social exige não fiquem impunes delitos de certa qualidade, razão de mais para que as acusações (se acusações houver), sejam cautelosas e sensatamente comedidas, = não suscitadas em pruridos de affectadas virtudes, ou apparencias illusorias, = mas intrinsecamente justificaveis em demonstração facil de serena e incontestavel evidencia.

A. Gonçalves.

Coimbra, 8 de Novembro de 1928,

Nota — Isto é apenas o indice benevolo, o extracto atenuado dum interminavel libélo de fraudes e petulancias.

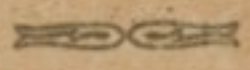
DO MUSEU MACHADO DE G
SINDICANCIA AO PSEUDO - SECRE

A transformação moral foi escandalosa.
Leviano e atrevido, o Museu se para ele, em agência comercial. Era a disciplina avarax e b
ningua consideração de pragmatismos de categoria oficial. O
deprimido constantemente, em i
e plagas acintosas! ...
Por actos de rebelião e indi
impetos violentos e insolentes
rão = compaixão-se em alarde
dependência. Na sua insipida, esse
eram troços de gloria! Etc.
Esta situação durou anos! P
denças ás entidades administrativas
ingenuidade. Foram os políticos
caprimatam a secretaria do
cujo quadro tal cargo não exist
Achara-me no dilema de Q
estado contra Mac-Nahon: =
ou demissão.

Apeliei então para o Conselho
Arquológico, decidido a alistar o
go e retirar-me em paz!

O ministro ordenou a stadi
desde um ano se vem protrain
tentações inexplicáveis.
A fim de obstar a estes si
ocultos embargos, o Conselho
acção decisiva do Juizo de I
Criminal.
Esta mediação poderá parecer
porque é de natureza hita e
Mas era torçoso por termo a
bravatas provocantes, sacudidas
Cafés, em espectáculos de stent
De resto... abalada a contra

O meu depoimento, que conveniente se-
ria fosse detalhado e extenso, vou sumari-
tamente resumir, o no lacunismo de alguns
tópicos.

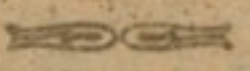


Depois de proclamada a Republica e
decretada a extinção das congregações te-
minias, fui encarregado de proceder á es-
colha dos artefactos, que, adicionados aos
do Museu do Instituto, constituiriam o
Museu Machado de Castro, em projecto.

De Lisboa advertiram-me que, para a
realização desta empresa, nenhum subs-
dios pecuniarios seriam fornecidos.

Nesta situação cubatçosa um unico
homem encontrei, que espontaneamente se
prestou a auxiliar-me, com a mais destine-
tesada e loizavel abnegação. A solicitude
deste prestimoso companheiro in além de
todos os limites. Abandonava a sua offici-
na dias consecutivos, e trabalhava com
actividade incansavel.

E estes bons serviços despertavam em
mim o atencioso reconhecimento, que lhe
não era regalado em manifestações de
simpatia e familiaridade. Porquê, em tro-
ca da sua colaboração, nenhuma compen-
sação lhe podia oferecer. Almoçava comi-
do; e todas as despesas de viagens e excu-
sões, que repetidas vezes tive de fazer
para fora de Coimbra, corriam por minha
conta.



Com reclamações e instancias reiteradas
pude conseguir pequenas verbas, que per-
mittiam obras de reforma no edificio e de
adaptação apropriada e decente ás instala-
ções.
E ao cabo de alguns meses, em 1913,
foi o Museu aberto ao publico.
Mas tarde uma escassa dotação lhe foi

Tras hoje meusos. O officio guardei-o na m.^a collecção particular.

Novembro: 21.

Em um dos ultimos Diarios do Go-
verno veio uma portaria (a n.^o 5742 de
17 do corrente) que manda entregar á
comissão do culto da freguesia de Santa
Cruz certo numero de objectos que estão
no chamado Museu da Junta da Fregue-
sia e recolher o resto que tenha valor ar-
tístico ao Museu Machado de Castro.

Ora isto vem já de longe e teve a
sua origem numa questão entre o Prior
e a Junta que é republicana e que aque-
le quiz substituir por outra de feição ca-
tólica e mais a seu gosto.

Da questão resultou uma denuncia-
cia que foi feita pelo tenente Antonio de
Campos Pego, na qual este deu vazão a
todo o seu odio contra a Junta. O Sergio
de Castro, Governador Civil, não quiz ce-
der ao padre e sob inspiração do Secre-
tario Geral, recorreu para o Ministerio
da Justiça lembrando que se tratava de
objectos de arte e que ainda não fora ou-
vida a opinião do Conselho de Arte e Ar-
queologia da circumscricção. Do Ministe-
rio da Justiça veio, em consequencia,

uma consulta para o Conselho responder.

Ors aqui comecei dizer que o Sargio de Castro mandou-me dois emissarios e veiu pessoalmente a minha casa por causa do assunto.

Quer ele quer os dois emissarios que foram o secretario geral Costa Rodrigues e o capitão reformado Eduardo da Cunha Oliveira, seu braço direito no Governo Civil, diziam que se não entendiam com os padres, que estes queriam tudo e ainda mais a substituição da Junta; e como o Governador Civil já se não aguentava com a pressão do Seminario e dos Bispos, esperavam que eu desse uma opinião desfavoravel ás pretensões ecclesiasticas e fizesse resistencia que o ajudasse a aguentar.

Eu respondi sempre que, como Presidente do Cons.º de Arte não podia ser anticlerical e que só daria opinião ou informações causante as imposições do cargo, etc. etc. — embora, infortunadamente, não desgostasse de contrariar as exigencias dos senhores ecclesiasticos.

O mais interessante e instructivo, visto, é a attitude do Sargio de Castro — pobre diabo enfatuado que, não se aguen-

tando com os clericais que descarregar as responsabilidades para cima de mim que posso vir a pagar qualquer resistência dentro das obrigações e preceitos.

Ora quando veio a consulta enviada pelo Minist.^o da Justiça, fomos ver o Museu da Junta e de tudo se deu informação favorável á transferencia de tudo p.^o o Museu Machado de Castro com o parecer de que depois de reunidos neste Museu todos os objectos se faria a escolha conscienciosamente conforme os intuitos da portaria.

A informação e o parecer não agradaram; mas o ministro que era um juiz velhote não quiz questões e disse ao Sergio de Castro amavelmente:

— Meu caro: deixe passar o tempo! vá demorando!

E assim o tempo foi passando até que o homem caiu e subiu o Mario de Figueiredo, um dos mais illustres reaccionarios da Faculd. de Direito e companheiro no 1.^o seminario de Vizeu do Salazar, segundo dizem.

Como levei daqui instruções para liquidar a questão, ~~com~~ mandei publicar a portaria de 17 do corrente que manda entregar á comissão do culto da

freguesias de S.^{ta} Cruz o que não tiver na-
lar artístico.

Orá esta portaria tem sido discutida
e é interessante que não agrada a ninguem.
É vaga, imprecisa, feita com je-
suítismo; não quer saltar por cima da
informação do Conselho de Arte mas tam-
bem não quer desagradar aos bispos e
meus padres — e assim vai deixando
as coisas ao sabor da boa vontade de todos.
É como quem diz:

— Vamos a ver o q. sai ... Não re-
jucos desde já ditadores ...

Porque é claro que, se for necessario,
ele tem a faca e o queijo na mão e talha-
rá á sua vontade.

Contudo, vamos resistindo. O Ser-
gio de Castro já me mandou outra vez
o secretario geral a pedir socorro!

O está fermo! Meu governador civil
a pedir socorro contra o clero, seu aliado,
a uma creatura, como eu, geralmente
conhecida como anti-clerical...

Que miseria de ditadores!

Novembro: 25.

Outem, novo bilhetê do juiz dragão
a pedir para eu aparecer, com o Laure-
ço Chaves de Almeida, em sua casa, logo

que possa ser. Lá fui com o Lourenço,
hoje, conferenciar o pedido.

Nesta, como na anterior conferen-
cia, o juiz mostrou, sem reservas, o pro-
cesso; fez perguntas, entrou em minu-
cias, contou particularidades da sua
acção como magistrado, mostrou receio
de que o processo não seja entregue ao dele-
gado Manuel Ribeiro (em quem confia)
e teve certas reticencias ao falar dos ju-
zes do civil.

La interesse mostra ele; mas não per-
cebo bem as hesitações, os commentarios
e reticencias. O que haverá por detrás
de tudo isto?

Novembro: 29.

Fui hoje destituído do meu lugar de
director da carreira de Tiro.

O alferes Soares, encarregado do ser-
vico de informações politicas, veio au-
tem de Lisboa. Hoje foram presos varios
individuos entre os quais o Tomás da Fou-
reca — e eu fiquei sem o lugar.

Fui passado ao Quadro da arma.

Deve andar muito o Pedro de Arzuedo
braz, major como eu que he muito me-
cubica o cargo e que alega grandes servi-
ços á situação politica actual.

Ver-se-ha.

No Quartel-general, onde fui chamado por nota, o pessoal das secretarias recebeu-me bem, com ar de piedade; o chefe e sub-chefe do estado-maior, com ar de desdém...

Disse-me o Pereira de Brito que, quando mostrou a nota que me mandava passar ao quadro ao chefe do est.^o-maior, Antonio Bernardes de Miranda e lhe perguntou se queria fazer, superiormente, qualquer observação antes de me dar conhecimento da ordem, respondeu com um gesto de certo desdém:

— Não ha nada que observar... As ordens cumprem-se.

Seu alívio, seu júbilo.

Estou, pois, sem emprego e com o soldo reduzido.

Novembro: 30.

Hoje, novo aviso para ir ao gabinete do juiz Arago. Lá fui, ás 11 h. e para deitar.

Tive a impressão de que o juiz tambem quer comprometer o Tomas de Faria; não é de hoje esta impressão, já vem de ha dias e por isso hoje, no meu desparecimento tive o cuidado de deixar bem claras

a minha estima e consideração pelo Tomás.

O Viava, abocanhando toda a gente quiz também acusar o Tomás de ladrão — "tant court" — embora lá vá a casa, quasi todos os dias, pedir misericórdia.

O Laureauço de Almeida que não gosta do Tomás da Fausseca, deixa sempre ficar no ar a duvida sobre a honradez deste; e o juiz que é monarchico e bom catolico deve sentir certa inclinação para deixar, pelo menos, um ponto de interrogação.

Por isso, no meu depoimento, fiz declarações terminantes que talvez fossem um pouco além do que deviam ir; ao menos, porém, não darei o gosto de fazer còmo com a realaudaçem clerical e seus adeptos.

Dezembro: 25.

Ontem, vespera do Natal, fez-se a delibencia necessaria p.^a a entrega dos objectos de culto do museu da Junta de Santa Cruz a comissão de culto nos termos da portaria 5742 de que já falei.

O prior, entusoso, de falas meigas, tinha-me procurado com o fim de me pedir para ultimar o caso — pois ao fim de 60 dias a concessão caducava.

E pelo rim e pelo não fez com que o conego Campos Neves me escrevesse uma carta de empêcho.

Ora eu dei o cavaco com a carta por que me diz que no Seminario quando constou que eu era a pessoa encarregada de dirimir a deliberação ficaram contentes e acrescenta que «nem todos os membros do Conselho seriam da mesma isenção e imparcialidade.»

Ora o maroto!

Já eu sou elogiado no Seminario e considerado modelo de isenção!

Com esta minha disposição fui ontem para a cerimonia. Compareceram membros da Junta, da Comissão do culto e do Conselho appareceram o Ant. Augusto Goucalves, o Tomás da Fonseca, o Laurencio Chaves de Almeida e o chefe da Secretaria, o dr. Domingos Miranda.

Logo de entrada viu-se que o padre queria tudo, objectos bons e máos, e da na á portaria uma interpretação diferente; de modo que até aí parecia, passou a argucioso e certa altivez nos modos. Quiz demonstrar-me que a portaria foi feita para lhe ser entregue o museu todo! Sentia, como é natural, as costas bem quentes.

Eu esgotei a diplomacia... Arran-
jei-lhe quantas plataformas podia inven-
tar; mas o padre não queria ficar depen-
dente da Junta e percebeu de certo que eu
não propunha soluções em q. ele pudesse
ficar com qualquer predomínio sobre a
Junta.

O Gouvesaes, coitado, não só por estar
velho mas também porque só o proble-
ma da arte, estêve a ceder... Eu acudi
logo pondo a questão nua e crua:

— Estes objectos veem eu não valer
artísticos?

Os rapais do Conselho tiveram que
dizer que sim. Logo, os objectos não re-
riam entregues á Comissão do culto e
dariam entrada no Museu Machado de
Castro. Ainda quiz conciliar: o padre
levaria um terço ou metade dos parame-
ntos que lá havia e o resto ficava, e per-
the-ia cedido para as festas em que ele
necessitasse de melhores adornos.

Mas o padre recusou. Se assim se
fizesse a Junta continuava depositaria
do Museu e ele teria que se lhe dirigir e
solicitar.

Porfim, a bomba estourou quando eu,
depois de esgotar todos os recursos para
conciliação, lhe disse:

— Pois sr. prior : não sei como conciliar a portaria com os desejos de V. Ex.^a. Como não aceita nenhuma destas nossas transigências e não reconhece a nossa boa vontade, o Conselho tomará posse de tudo e depois estudará o assunto com as estações superiores.

O prior, um pouco afagueado, respondeu apenas:

— Pois V. Ex.^a? não me dão nada? Passem V. Ex.^a muito bem!

É nervoso, largou porta fora, com os vogais da Comissão do culto.

Nós ficámos a olhar uns para os outros. Resolvêmos tomar posse de tudo e encerrou-se a sessão.

A despedida, disse eu ao Tomás:

— Ora vamos lá a ver que bordada é que vem!

Dezembro : 30.

O Sergio de Castro, governador civil, mandou pedir ao Ant.^o Augusto Gouveias e a mim para irmos ao Gov.^o civil falar com ele.

Lá fomos.

Recebeu-nos cortemente, com um to acanhamento, como quem já sabia de antemão que a deliberação lhe sairia

frustrada. Depois de amabilidades e circumloquios chegou ao ponto: confessou q. o bispo auxiliar (Ant. Antunes) fora ter com ele reclamar contra o nosso procedimento; e ele, governador civil, pediu para nós reconsiderarmos e ver se dávamos uma volta qualquer ao assunto de modo a agradar aos padres sem prejuizo da nossa attitude nem dos interesses da Arta!...

É claro que nós, amavelmente, fomos dizendo o que nos parecia, contámos o caso como ele se deu e que ele, afinal, não conhecia e concluimos que o que estava feito estava feito.

O pobre diabo mostrou-se contrariado, moveu-se na cadeira como quem sentia nela alfinetes e não teve outro remedio senão aguentar e ... cara alegre.

Nós saímos e o Gonçalves disse-me á porta:

— Afinal, o que é que ele nos queria?

E depois de uma pequena pausa:

— Se ele queria que nós mudássemos de opiniao é um biltre.

E reparámos-nos, com esta conclusao que na verdade tem grande base de justica. O Sergio, com effeito, queria que nós mudássemos de opiniao.

— 1929 —

Janeiro: 9.

As coisas me apparecia sem importancia mas que, no verd.^a, tem muito que se lhes diga e perante as quais nos temos de curvar.

Montem, no electrico sem que eu vinha para casa, estava o Antonio Viana um pouco mais adiante do lugar em que me sentei. A certa altura entrou o medico Matos Chaves, tambem professor do Lyceu, a que ja aqui me referi em 8 de Novembro passado; como me nao viu ao entrar voude fazer ao Viana um cumprimento caloroso, com vivacidade, com muitas festas e palmadas nos ombros — e o Viana, sentado, recebeu, como gente honrada, todas essas homenagemes.

Hoje, na Praça da Republica, vi o Dr. Rocha Brito, professor da Universidade. Dirigi-me-lhe com os braços abertos, e fiz-lhe cumprimentos de grande affectuosidade que o outro recebeu, de chapem na cabeça, com ares de creatura superior. O Rocha Brito depois de falar com ele deuan-

te um boceado, despediu-se espectacularmente, com abraços e gestos de amizade.

Fica-se a pensar...

Estes dois indivíduos, com a atitude perante o Ant.º Viana, tal como a observei, queriam certamente significar-lhe o seu desagrado ou a sua reprobção ao processo que eu lhe movi e que chamarão porventura uma perseguição.

E se eu lhes fosse pedir para desforrem a meu favor, negar-se-iam, com certeza. De mim não temem eles medo e com o Viana sempre é necessário ter alguma cautela.

Janeiro : 10

Desde Setembro ultimo, o José Maria Correia Cardoso, capitão sub-director da Carreira de Tiro e professor do Liceu, anda a fazer, por conta do Ministério da Instrução, uma peritagem aos actos do Ant.º Viana, secretario do Museu Machado de Castro.

O Cardoso quiz excusar-se alegando que era meu subordinado na Carreira de Tiro como, ao tempo, de facto, era. Não lhe aceitaram as razões e tenho a vaga impressão de que andaria misto mesquinhez da illustre Dias Pereira que pensaria

assim, afirmando ainda o seu poder politico, poder ajudar a salvar o malandré.

O Laurenceo Chaves Almeida anda a sucher-me os ouvidos com desconfianças do Cardoso; mas tipo muito quando eu lhe digo que o Cardoso é sério e não terá a missão de que o encarregaram. O Laurenceo é danado para desconfiar de todos e cita uma conversa que teve com o juiz Aragão que também mostrou duvidas acerca da imparcialid. do Cardoso.

É certo que ha dias o fotografo Afonso Basteiros e de outra vez o encadernador Ant.º Maria Correia me deixaram algumas duvidas no espirito; mas eu ainda resisto ás duvidas e vou esperando seriedade — até provas em contrario.

Ora eu esperei sempre que ele me ouvisse em primeiro lugar como presidente do Cons.º de Arte. Mas o entendeu assim e lá teria razões que não discutio; mas hoje preveniu-me que me ia ouvir e para me não incomodar veio a minha casa, á noite, com o escrivão da priedicancia, o tenente Carlos Amaral, bacharel em direito.

Cá os espero.

Janeiro: 11.

O depoimento foi longo e contun-
dente. Durou até á 4 hora da manhã.

Eu ia ditando e escrevendo — por
isso aqui fica para memoria deste desgra-
cado caso minimo mas que, possivel-
mente no futuro poderá ser apreciado
como modelo ou padrão curioso dos cos-
tumes e moralid.^{de} contemporaneos.

«... interrogado acerca da pontualida-
de e assiduidade de Antonio Vianna no ser-
vico do Museu Mach.^o de Castro, respondeu
que antes de ser presidente do Conselho de
Arte e Arqueologia não prestava atencáo
ás obrigações dos empregados do Museu
porque quasi nada tinha com isso; no em-
tanto lembra-se de q. uma das causas que
motivaram a sindicancia foi a irregula-
riedade do seu comportamento como em-
pleado, não só quanto a assiduid.^{de} e pon-
tualidade como tambem ao negocio que
fazia de objectos antigos o que era conhe-
cido de toda a gente e que era contrario
ao espirito da lei que regula estes estabe-
lecimentos; e mesmoo que ella testemu-
nha estivesse convencida da honorabili-
dade do sindicado, bastaria, a seu ver, esta ul-

tima razão (o ser negociante de antigui-
 dades) para não poder estar dentro dum
 museu como o Machado de Castro e de
 mais a mais em cargo de confiança. E
 perpetuado sobre os bons serviços presta-
 dos pelo Ant.º Silva ao Museu, deixe que,
 realmente, no começo da sua instalação
 prestou serviços tais como o de dirigir
 transportes de objectos dos conventos para
 este edificio, o de ele receber, no edificio,
 transportar objectos pesados; o de se in-
 cumbrir de arranjar transportes ou, re-
 sumindo, de arrear recados que o sr. di-
 rector do Museu lhe determinava; servi-
 ços de outra especie não os prestou nem
 os podia prestar porque é quasi analfa-
 beto e não tem o menor conhecimento
 de assuntos de arte e Arqueologia nem os
 mais não seria possível ser um auxi-
 liar do sr. Director do Museu na organiza-
 ção e instalação do museum; e só a me-
 ta coincidência com o sr. Antonio Augus-
 to Gonçalves, architecto Silva Pinto (que
 foi um grande auxiliar) e o ex-conserva-
 dor dr. João Couto (actualmente em Lis-
 boa) que lhe dava conselho a ouvir opi-
 niões e commentarios sobre as obras de ar-
 te expostas, é que o tornava apparentem-
 te conhecedor daquelles assuntos quando, afi-

mal o que dizia era apauhado de ouvido e pene a pueuar base; e como no mes-
 po País a cultura artistica é quasi nulla,
 daua-se o caso de no país dos cegos ser
 rei quem tem um olho. A este respeito
 nunca ouvia dizer ao sr. Director do Mu-
 seu coisa que contrarie o que acaba de
 depôr e mesmo bastava o conhecimento
 que tem do sindicato para somente o
 clarificar de ignorante em tais assun-
 tos. Interrogado acerca das faltas de res-
 peito manifestado pelo Viana para com
 o Director Sr. Gonçalves disse que, embo-
 ra cautelosamente, varias vezes o sindi-
 cado, arranjando pretextos para lhe falar,
 dizia uma ou outra coisa em desabono
 do sr. Director do Museu, de fazer mais
 ou menos insidiosa mas a que ella, tes-
 temunha nunca ligou importancia porq̃.
 de mais sabia a falta de caracter do sindi-
 cado; sabe que, com outras pessoas, as
 referencias insultuosas ao sr. Director
 eram claras, como por ex.º, dizia no es-
 tabelecimento de encadernação de Anto-
 nio Maria Correia (Largo de S. João) re-
 ferencias que eram extensivas a outros
 vogais do Conselho; e ultimamente o
 sr. Director queixava-se de continuas
 faltas de atenção e das maneiras grossei

ras com que era sempre tratado, factos
 que constituiram tambem uma das ba-
 ses do pedido de rescisao. Interrogado
 acerca da falta de competencia manifes-
 tada pelo Ant.° Viana no exercicio do cargo
 de secretario do Museu Mach.° de Castro,
 disse que só a muita benevolencia de
 quem lhe conseguiu o lugar é que pô-
 de justificar a nomeação dum quasi
 analfabeto para secretario dum museu
 da importancia deste; o rescisado não
 sabe redigir e assim quem fazia as fo-
 lhas ou quaisquer documentos da secre-
 taria do Museu não era o secretario
 mas sim o chefe dos guardas (hoje apo-
 sentado) Manuel Pedro. Estes factos e os
 apontados acima, deueu dar bem a im-
 pressão do valor de tal empregado, jul-
 gando ser desnecessario esclarecer mais
 o assunto deste ponto. Interrogado acer-
 ca da intriga preparada pelo Viana en-
 tre os presidentes do Cons.° de Arte, Direc-
 tor do Museu e vogais do referido Con-
 selho, disse que o Viana procurou sem-
 pre separar o sr. Director dos presiden-
 tes do Conselho imaginando que assim
 poderia dominar o animo do sr. Ant.°
 Augusto Gonçalves para ter sempre o
 dominio dentro do Museu; e assim se

lembrava de uns real-entendidos com o
 presidente Dr. Teixeira de Carvalho, - com o
 vogal João Machado infelizmente já fa-
 lecidos ; com o sr. Tomás da Fonseca de
 quem ele, Viana, disse o pior possível,
 com o vogal sr. Pereira Dias e outros,
 sempre no propósito de reparar e dissol-
 ver o Conselho para evitar, evidentemente,
 toda e qualquer fiscalização que nos ter-
 mos da lei se poderia exercer sobre os
 serviços do Museu e, por consequência,
 sobre os dele. Esta intriga pode dizer-se
 que foi permanente e teve um período
 de certa gravidade quando em Fevereiro
 de 1927 o sr. Director foi acometido de
 doença súbita, sem domínio, á saída
 do Museu ; no dia imediato, de manhã,
 o sr. Tomás da Fonseca, então presidente
 do Conselho em exercício, lembrando-se
 de que o sindicato poderia ir tirar as
 chaves do Museu á esquadra policial e
 aproveitar-se do impossibilit.º do Director
 foi logo prevenir para que as chaves não
 fossem entregues senão á pessoa ou pes-
 soas que o Conselho indicasse depois de
 uma reunião que ia convocar e que ~~se~~
 realmente convocou para uma sala do
Instituto, se a memoria lhe não falha,
 na 3.ª feira seguinte ; este facto serviu de

pretexto para o syndicado insinuar no
 animo do sr. Director, nos primeiros
 dias em q. lhe pude falar, que o sr. To-
 más da Fonseca queria apoderar-se das
 chaves para reabrir o Museu; e não se
 estranhe o emprego deste termo porque,
 nessa altura, o syndicado classificava o
 sr. Tomás da Fonseca de ladrão, como pu-
 de atestar o já citado Antonio Maria Car-
 reia. Estes factos fizeram com que as re-
 lações entre aqueles dois senhores esfrias-
 sem a tal ponto que o sr. Tomás da Fonse-
 ca chegou a afastar-se dos trabalhos do
 Conselho e só depois de tudo esclarecido
 especialmente pelos esforços do falecido
 vogal Albino Bastano da Silva e de la Ter-
 remunha e, se não se expans, de Louren-
 ço Chaves Almeida, é que os trabalhos do
 Conselho prosseguiram normalmente
 e as relações entre os dois se restabeleceram.
 Diz mais a testem.^a que, quando se tra-
 tava de eleger um presidente, especialm.^{te}
 depois do falecimento do dr. Teixeira de
 Carvalho, o syndicado tinha a pretensão
 de influir na escolha e assim o dizia
 em pontos de reuniões na Baixa; mas de-
 se esclarecer que a unica coisa que elle
 pretendia era evitar a eleição pois que a
 interinidade se lhe apresentava mais fa-

varavel, mas, evidentemente, por quem
 a exercia mas porque um presidente in-
 terino nunca exerce uma accão tão cons-
 tante como um efectivo. Deste feitis in-
 tripucta e insidioso do sindicato veio
 tambem a necessidade, antes de se recorrer
 a sindicancia, de chamar p.^o o lado do sr.
 Goncalves um homem que fosse energi-
 co, honrado e conhecedor dos assuntos
 de arte e archeologia, para ser o verda-
 deiro auxiliar daq.ue seilha e, ao mes-
 mo tempo, uma defesa contra os maus
 tratos e grosserias que o sindicato usa-
 va; tratando-se deste assunto no Con-
 selho e particularmente entre os seus
 vogais, occorreu a alguns o nome de
 Laurencio Chaves Almeida que reunia
 aquellas condicoes a de uma grande esti-
 ma e admiracao pelo sr. Director; e as-
 sim foi que um dia a proposta para vo-
 gal do Conselho surgiu numa sessao,
 mas como representante da Escola Livre
 das Artes do Desenho (como alguns lem-
 braram) para a vaga de Joao Machado,
 mas sim directamente pelos seus me-
 recimentos de artista. E em tao boa hora
 o Conselho o accitou para vogal e o no-
 me seu adjunto da direccao do Museu que
 dentro em pouco se comecou a remodelar

lar o inventário, a fiscalizar mais rigorosamente os serviços e a descobrirem-se factos que leváram o Conselho ao pedido de sindicancia. E interrogado sobre actos, irregularidades, abusos de qualquer natureza ou qualquer assunto relacionado com esta sindicancia de que tenho conhecimento além do q. ficou anteriormente referido neste meu depoimento, disse que já ha muito, podendo dizer mesmo que desde os seus tempos de rapaz, ela testemunha ouvia dizer que o sindicado era creatura de baixa moral; e ouvia dizer tambem que poucas pessoas lhe davam consideração; estas impressões confirmáram-se por varios factos de que se não lembra já mas que mantiveram o seu juizo tal como diz, recordando-se neste momento, por ex.º, de uma campanha jornalística aí por 1914, no periodico chamado O Povo de Santa Clara dirigido por um tipografo chamado Mario Pío já falecido, e onde escrevia muito o actual advogado nesta comarca, dr. Octaviano de Sá que poderia, melhor do que ela testemunha, inferir, contra o sindicado, na qual era acusado de factos graves; este juizo a respeito do sindicado não se modificou durante o tempo

em que foi auxiliar do sr. director do
 Museu e depois secretario do mesmo
 Museu; e augmentou este meu juizo
 quando ha pouco tempo relativamente
 comecei a ouvir dizer a Laurenceo Cha-
 nes Almeida que o professor dr. Bissain
 Barreto fazia graves accusações ao sindi-
 cado relativamente a desvio de objectos do
 Museu para os vender a particulares; e co-
 mo estas afirmações parbiam de uma pes-
 soa da categoria moral daquelle professor
 e la testemunha comecei a ver que mais
 cedo ou mais tarde seria necessario to-
 mar providencias a tal respeito; pois isto
 coincidiu com o conhecimento de faltas
 de atençaes e grosserias que o syndicado
 tinha para com o sr. Antonio Augusto
 Gonçalves. Mais disse a testemunha que
 quando tomou posse do cargo de presiden-
 te do Conselho de Arte e Arqueologia encon-
 trou pendente o pedido de syndicaucia;
 e como viu que havia difficuldade na no-
 meação do syndicante, porque os nomes
 dos se recusavam; e sabendo que o sin-
 dicado pedia a varias pessoas para evi-
 tar a syndicaucia, ao mesmo tempo que
 mandava pedir, e la testemunha, por
 intermédio dum advogado para se con-
 seguir uma plataforma favoravel, e la

Testemunha resolveu recorrer ao m.^{mo}
 juiz director da investigação criminal pa-
 ra se apurarem responsabilidades, como
 de facto fez — pois sendo intenções do Con-
 selho apenas, de começo, afastar o sindi-
 cado por qualquer forma do Museu, foi
 ele, sindicado, pelo seu procedimento,
 insidias, cartas anónimas insultuosas
 e actos culposos que se iam apurando su-
 cessivamente, que levou o Conselho re-
 presentado, por ela, testemunha, a proce-
 der com mais energia. Disse mais a
 testem.^a que o Conselho confia segura-
 mente no resultado da sindicancia,
 sem intenções de perseguição mas ape-
 nas de justiça; e ela testemunha que, com
 os seus colegas do Conselho também tem
 a mesma confiança, só lastima que (pe-
 lo que tem sabido) o sindicado tenha con-
 seguido a solidariedade de tanta gente de
 categoria, como ele afirma, e que assim
 não prestar o seu serviço de obscure-
 cer um certo numero de factos a que au-
 dam alheios e que só por culposa bene-
 volencia ficam impunes; e também las-
 tima que á volta da defesa do sindicado
 (segundo elle e seus amigos constantemente afirmam) se tenha saído um
 pouco do direito de defesa livre para tibi

dos e tenha havido uma ou outra intenção de ataque a quem está mais do que acima de qualquer suspeita e tem um carácter de uma firmeza tal que incomoda muita gente. E mais não disse... etc. etc. etc. »

Este depoimento, com a girandola final dirigida ao Gonçalves, creio que fará certo efeito. O próprio Cardoso o confessou.

O pior é que o Viana tem por seu lado muita gente — e isto é tão estranho que até o Almeida Ribeiro, professor de medicina e ex-reitor da Universidade, foi voluntariamente depar na medicina e declarou que o acusado era « honestissimo ». Nem mais nem menos. Assim me contou o Cardoso, confidencialmente.

O próprio Bissaya Barreto, o primeiro que revelou as roubações do Viana, agora também se acotche...

Final, mais nem malandro.

Janeiro: 21.

Um pouco empurrado pelo Lourenço Chaves Almeida, fui hoje procurar o delegado do Procurador da República, por cujas mãos passa o processo que o juiz

Arapão já completou e enviou para juizo. Chama-se ele Manuel Ribeiro; é amavel, sem prejuizo de certa dureza de expressões.

Disse-me que o processo tem base sufficiente p.^a a condemnacão; que está bem organizado e espera tê-lo pronto dentro de pouco para pronuncia. Contudo vi-the certas reticencias na conversação.

Que diabo será?

Recorria ele o juiz Dires (José Cupertino de Oliveira Dires) a quem o processo vai parar? Já me cheparam aos ouvidos certas duvidas acerca da inflexibilidade deste magistrado — pois dizem que nemno trafeghada qualquer em que esteja para ser punido, valeu-the o Almeida ~~Marreira~~ Marreira, de Vizeu, seu íntimo amigo.

É precisamente por coincidência curiosa, o Almeida Marreira veio visita-lo há pouco; e por coincidência não menos curiosa, o Ant.^o Viana é o testá de ferro do Almeida Marreira em todas as campas e albergues que este arranja com objectos de bric-à-brac quer para si quer para o Museu Grão-Vasco.

Isto é tremendo, mas explica as vagas reticencias que percebi durante a conversação com o dr. Manuel Ribeiro.

O que ainda poderá valer nisto tudo
é o processo estar bem feito.
Vamos a ver.

Janeiro: 22.

Hoje na Gazeta de Coimbra vem a re-
quinte local que merece arquivada (n.º
2295 de 22-janeiro-1929):

« Coisas de Coimbra. — A Escola In-
dustrial da Figueira da Foz foram concedi-
dos 100 contos. As oficinas da nossa Escola
Industrial jazem em ruínas no jardim
da Moura. — O jardim da Moura podia
ser um recanto artístico de Coimbra se o
Cens.º de Arte e Arqueologia viesse para
ele os seus olhos. Mas o Cens.º de Arte e
Arqueolop. não se preocupa com estes as-
suntos de pomeros. — Nem tão pouco o
Cens.º de Arte faz a propagação daquella
realis.º Museu onde há 14 meses se an-
rasta uma piudicancia, por determinação
do Cens.º, ao seu secretário e aos seus per-
rões sem q. até hoje, alguma coisa esteja
resolvido. — As oficinas da Escola Brotens
não se mudam daquella jardim? A Escola
Brotens não terá uma dotação? — Enfim,
coisas de Coimbra... »

Isso, sabe-se, é obra do Paul Miranda, filho do Domingos de Miranda, chefe da secretaria do Conselho.

Seu pai e seu filho são despeitados e fizeram-se amigos do Ant.º Viana.
Adeante.

x

ora o caso do prior de S.º Cruz teve hoje o seu natural e logico desfecho.

Reatando:

No proprio dia 24 de Dezembro, depois da sêma que aqui contei no dia proprio, o prior foi visto pelo Chaves Almeida a ir, apressado, para o Seminario. Já, evidentemente, queixar-se.

Dessa queixa veio o Bispo auxiliar D. Ant.º Antunes, correr a casa do dr. Ferraud de ~~Almeida~~ Almeida, professor de Letras e actualmente chefe de gabinete do ministro da Instrucção, fazer a sua reclamação e as consequentes instanciaes se não foram pressões. Nesse dia o Ferraud estava em Coimbra onde manteve a familia que é numerosa.

Desta conversação com o Bispo saiu a resolução de o Ferraud procurar o dr. Joaquim de Carvalho para o ponderar e ver se este seria capaz de entrar a minha accção; através da conversação, o Ferraud

deixou claramente expressa a opinião de que se o Conselho não cedesse iria para a violencia de que eles (Ministros e Ferraud) não queriam usar!... O dr. Joaquim de Carvalho contou-me isto, mostrou-se afreusivo, num encontro que teve comigo em 19 deste mês e aconselhou-me vagarmente, com a maneira subtil que usa em tais casos, em pouco de transigencia, a possível transigencia.

Eu ri-me para dentro. Conheço as subtilidades, para não dizer manhas, do dr. Joaquim de Carvalho.

Para transigencias, mesmo que as tivesse, era já tarde. Neste extremamente recebi um officio da Direcção Geral das Belas-Artes do Ministério da Instrucção que apontando em que altura ia a entrega dos objectos do Museu da Junta e informando de que o ex.^{mo} ministro desejava o caso arremado.

Eu respondi a este officio em outro em 14 de Janeiro corrente, só expedido em 15; de modo que, em 19, a transigencia aconselhada pelo dr. Carvalho não era já possível, mesmo na hipóte de a querer ter. Resumi ao dr. Joaquim de Carvalho o teor do officio, com o que ele se mostrou mais afreusivo ainda.

Este professor, incansavelmente illustre e de largo futuro, tem muito medo e preoccupa-se sempre em procurar nada entre duas aguas.

Ora aqui vai o officio:

« Accuso a recepção do officio de V. n.º 263 (Livreto 10) de 8 do corrente e inferuo, para conhecimento do Ex.^{mo} Ministro de G. este Cons.^o com o director do Museu Machado de Castro foi de parecer que os objectos expostos no Museu da Junta da Freguesia de S.^{ta} Cruz e mais alguns confiados á sua guarda, eram dignos de serem exemplares no Museu Machado de Castro e G. depois de teres vindo para este ultimo, seriam escolhidos aquelles que, pelo seu inferior valor artistico, historico e archaeologico, poderiam ser entregues á Comiss.^{ão} do Culto.

« Com este parecer se conformou o Ex.^{mo} Ministro da Justica que, com a portaria n.º 5742 de 17 de Novembro ultimo veio muito benevolmente salvaguardar os interesses da Arte e Archaeologia; e tanto isto pareceu a este Conselho que está pendente dele uma proposta para que o mesmo Ex.^{mo} Ministro determine a conservação do Paueuario do Convento de

Santa Cruz, tal como existia. Ora quando este Conselho pretendia, de accordo com a autêntica administrativa dar cumprimento ás determinações da portaria citada, encontrou o paroco da Igreja de Santa Cruz interpretando diferentemente a determinação ministerial e querendo receber todos os paramentos e a maior parte das alfaias expostas no Museu da Junta independentemente do seu valor artistico ou archeologico.

« Desta estranha interpretação resultou o referido ecclesiastico abandonar a sala, no dia 24 de Dezembro p.p. quando eu, como presidente deste Conselho lhe declarei formalmente, para evitar discussões que se prolongavam, que as determinações da portaria tinham de ser cumpridas.

« Chamei, pois, a atenção de V. (em virtude do que exponho) para a famosa causa o officio n.º 263 a q. me reporto, se refere ao assunto: pois parece inferir-se que o ^{meu} Sr. Ministro da Instrução informado extra-officialmente (pois por este Cons.º e' que não foi) sobreposo os interesses do Culto aos interesses da Arte e da Archeologia e altera a cravatura do valor dos objectos a que a mesma portaria se

refere — o que, com certeza, d. L. não deseja e simplesmente um lapso de redacção traiu as suas intenções.

« Saude e Fraternid. etc. »

Mostrei este officio em 15 de manhã ao Ant.º Augusto Gonçalves, ao Chaves Almeida e ao João Gaspar Simões que o aprovaram; o Gonçalves até declarou que estava excelente...

E lá foi para o correio.

Ora hoje, 22, chegou um officio da Direcção Geral das Belas-Artes, dirigido ao Vice-Presidente do Conselho, comunicando que o Ministro me destituiu das funções de presidente, ordenando que remittesse o Conselho para dar conhecimento disso e para eleger novo presidente — tudo immediatamente!

Pronto.

A questão ficou resolvida.

Janeiro: 23.

Fui hoje ao Museu com o Tomas da Fonseca e entreguei-lhe todas as coisas que estavam pendentes, as chaves das gavetas, as das estantes e o selo branco.

Tudo ficou em ordem.

Janeiro: 25.

A minha destituição de presidente do Conselho, da maneira como foi feita, causou entre os vogais do Conselho impressões desagradáveis. Subiram-se, naturalmente atônitos e parece que não gostaram.

Diz-me hoje o ~~meu~~ Tomás da Fouseca que o dr. Joaquim de Carvalho é de opinião que o Conselho se devia demitir para responder á violência; e que o architecto Camara e Silva diz o mesmo... Mas duvido muito que mantenham a opinião, o primeiro porque ha-de pensar no caso e depois muda; e o segundo porque é monarchico e catolico e acabará por se convencer que passou mal.

O Ant.^o Sup.^o Gonçalves e o Chaves de Almeida é que querem uma attitude firme — e nisso creio eu. Mas dos outros, quasi todos, vacillamos.

Diz-me o Tomás da Fouseca que não eleger o Abel Urbano. Não é mal achado e é a unica saída, talvez. De mais a mais é agora presidente da Camara.

Os jornais, é claro, deram a noticia a medo. No Seculo de 23 vihi a seguinte local no corpo do periodico, na secção das Informações:

Ontem, a folha official inseriu o despacho, destituindo o sr. Belizario Pimenta das funções de presidente do Conselho de Arte e Arqueologia da 2.^a circunscricção, devendo o mesmo Conselho proceder, no prazo de quinze dias, a nova eleição.

Na Gazeta de Coimbra, centro da maioria dos correspondentes, recebi uma pequena local, como de quem não quer a coisa [n.^o 2296 de 24 do corrente]:

« Foi exonerado de presidente do Conselho de Arte e Arqueologia de Coimbra, o major sr. B. P. O Conselho vai reunir para a eleição de novo presidente. »

Só O Primeiro de Janeiro e' que deu noticia mais clara e se assim saiu foi porque assim a dei ao correspondente:

« Conselho de Arte e Arqueologia.

« O sr. ministro da Instrucção acaba de destituir do cargo de presidente do Conselho de Arte e Arqueologia da 2.^a Circunscricção, o major sr. B. P.

« Parece-nos que ao caso não são estranhas as exigencias do paroco de S.^{ta} Cruz acerca da entrega ao Museu Machado de Castro das alfaias e varios objectos existentes no Museu da respectiva junta de freguesia.

« O Conselho de Arte vai reunir para

eleger o novo presidente. » { N.º de ou-
tubro, correspond. de Coimbra }.

Januario: 27.

O Conselho reuniu hoje. até 3 horas e meia da tarde bateram-me á porta oito dos meus vogais que vieram manifestar-me o seu pesar pela ausência e signifi-
car toda a consideração, etc. etc.

Foram eles: Ant.º Augusto Gonçalves, o architecto Silva Pinto, o Tomás da Fonseca, o Vergilio Correia, o Carneiro e Silva, o Chaves Almeida, o Ferraz de Carvalho, e o Viana de Leiros, além do João Garpar Pinhões, conservador do Museu.

O Tomás, como presidente em exer-
cicio fez o seu discurso e communicou-me que fôra eleito o Abel Urbanez com a condição de seguir a orientação anterior do Cons.º e que se resolveu recorrer para o ministério da Justiça acerca da resolução dada ao caso do Museu da Junta de Santa Cruz.

Fiquei evidentemente grato pela visita e pela deferencia; mas pareceu-me que malgastes a manifestação soave e ôco e que, a respeito de solidariedade efec-
tiva, concreta, figurar, de meus mes-
meira, só.

O proprio Goncalves me disse ao sair de casa:

— Isto não devia ficar assim... Mas não pôde ser...

E escolheu os ombros.

E eu já calculava que os impetos do momento alterariam e quasi todos se conformariam com as circunstancias. E é melhor assim.

A noite, em casa de meu Pai, ha pouco, appareceu o secret.º geral Costa Rodrigues que fôra á sessão mas não pôde vir a me.ª casa com os outros. Que-ria cumprimentar-me; e pela conversa sa vi que ele teria sido um dos que mais moderação aconselharam e que justificaram a attitude com receios de complicações, etc. etc.

Era natural. E quando lhe perguntei o que disse e o que fez o Sergio de Castro, governador civil, respondeu-me com ar de quem me queria convencer:

— Fiquem arreliados, creia, ficou arreliado.

A autoridade representante do Estado dignou-se ficar arreliado.

Vá lá, já não foi mau.

E ponto final.

Janeiro : 31.

O dr. Joaquim de Carvalho veio pro-
curar-me a casa p.^a me dizer que não
foi á sessão do Conselho em 27 e por isso
não acompanhou os accipos que aqui vie-
ram cumprimentar-me. Disse-me que
o seu prim.^o pensamento foi aconselhar
a demissão colectiva do Conselho; mas de-
pois pensou que isso daria azo a que eles
nomeassem um Conselho de padres e
militares e não convinha fazer-lhes a
vontade.

Alem disso o Governador Civil fize-
ra constar pelo secretario geral Costa Ro-
drigues que se houvesse resistencia o Go-
verno demittiria os membros do Conse-
lho dos lugares que exerciam.

E assim ele, Jaq.^o de Carvalho, pen-
sando no caso, achou que era melhor dei-
xar passar a trovada e esperar por dias
melhores.

Fiquei sabendo que foi ele, dr. Carva-
lho e Costa Rodrigues que metteram medo;
e que o Governador Civil que me pedia q.
o aguentasse e fosse resistindo, agora
aconselha que não resistam e que se re-
sistirem poderão ser demittidos...

E' assim que o Sergio de Castro cum-
prede o seu papel.

Ora ...

Entfim, para haueu uma nota alegre no meio de toda esta miseria moral, disse que ha dias o Tomás da Fausseca lá foi entregar tudo ao padre de Santa Cruz, como este queria; disse-me que teve um protesto platónico, ou simbólico como hoje se diz, para heurar a firma, mas entregou tudo...

Mas a nota alegre foi dada pelo Comissario da policia que ao abrir a sessão da entrega, disse esfregando as mãos:

— Ora vamos lá ver essa perseguida!

Este Comissario, capitão de artilharia António Marques da Costa, tambem me pediu sempre para eu os aguentar porq. os padres estauam a deitar os braços de fóra...

E aqui está no que decaem todas as delibaucias para o Conselho aguentar as autoridades constituídas contra os padres que deitauam os braços de fóra: nemma perseguida!

Grande gente, afinal!

O Governador civil, coitado, ficou arreliado; e o comissario da policia esfregou as mãos com a perseguida...

Fevereiro: 11.

Escrevi hoje uma carta ao João Couto que de Lisboa ~~me~~ apresenta com certa ansiedade o que houve com o Conselho:

« Caro e bom Amigo:

« Há pouco, na casa do Lourenço, no Torim, li a sua última carta, toda cheia de interrogações acerca do que por aqui tem vindo — neste malfadado Conselho de Arte e Arqueologia.

« Ora eu já há muito lhe queria contar as varias contrariedades que tenho encontrado nesta aventura da presidência em q. impensadamente me meti; perante as suas duvidas, parem, tenho que esclarece-lo rapidamente.

E aqui vai...

Logo de entrada, procurei dar prestigio ao Conselho fazendo com que elle apparecesse em publico com certas obras; e assim, pensei: reunir Revista; em promover Conferencias; em uma homenagem ao Luiz Martins; na propaganda do Museu por fotografias, bilhetes postais, e por um catalogo actualizado; — pensei em limpar o Museu do meu pessoal; disciplinei um pouco as sessões do Conselho e fiz eleger e trabalhar a Comissão

executiva que não existia; chamei ao bom caminho os directores dos museus da circumscrição quanto a exagerada autonomia; fiz regularizar a escrituração do tesaureiro que também não havia, etc. etc. Não é correcto falar em tempo proprio; mas em tempo a certeza de q. ia conseguindo alguma coisa, apesar de sentir que era torpedeado em todas as boas iniciativas. Quero crer, parece, que no fim do meu triénio algum resultado se veria.

«Andava neste espaço de tempo quando um dia o Governador Civil que, não se aguentando com as exigências dos padres que queriam o Museu de S.^{ta} Cruz, todo, para eles, veio pedir o nosso auxilio fundado, aliás, na lei — mas lei q. só viu quando se sentiu impotente perante a investida clerical.

«Apareceu-me um officio pedindo o parecer do Conselho sobre os valores expostos no Museu; a resposta foi (sob proposta do Abel Urbano) que era quasi tudo digno de ser incorporado no Machado de Castro e que tudo deveria vir para este onde se faria a escolha.

«Fundado neste parecer o Ministério ~~da~~ da Justiça fez uma portaria que mandava entregar á Commissão do culto todos os

objectos que não tivessem alto valor artistico; os padres, porém, queriam tudo...

« Eu resisti com firmeza podia — não só como presidente do Curso: ao qual está incumbida a missão de salvar e proteger os objectos de valor artistico (e não só os de alto valor) mas também como liberal q. via toda esta questão fundada numa exigencia clerical que o Governador civil não se lhe ceder seu respeito como devia.

« Perifecias secundarias não vale a pena contar; basta q. lhe diga que em certa altura, suppe-me com officio do Ministerio da Instrução informando de que o respectivo ministro queria apressar a entrega dos objectos do Museu de S.^{ta} Cruz, de alto valor artistico, etc. sem prejuizo das necessidades do culto, e terminava por pedir a opiniao do Curso: e do Director do Museu...

« Ora isto tem uma explicação que eu já conheço e falo veracid.^{te} da qual posso ficar: o Seminario sabendo da m.^{te} resistencia enviou o bispo auxiliar ao dr. Ferraud num dia em que ele veio a Coimbra dar as aulas e exigiu a entrega de tudo fosse como fosse.

« Daí a 3 dias recibia eu o officio. A este officio respondi com um outro de que

envio copia para o meu caro etm.^o não só sabereas a m.^a grossa official mas tam-
bem para saber que, enquanto andei fe-
to arquivo do Seminario, e em pesquisas
historicas, apaguei certa dose de ronha
canonica...

« A consequencia foi que, uns dias
depois, o Tomas da Fonseca, vice-presid.^{te}
recebia um officio communicando que o
Ministro, por seu despacho, attendendo
aos termos inconvenientes em que se res-
pondera, me destituiu das m.^{as} funções
e ordenando que reunisse o Conselho pa-
ra nova eleição!

« O Tomás reuniu o Cons.^o; a maio-
ria, medrosa, consiprou na acta a mui-
ta consideração por mim, mas fugiu
á solidiedade que seria de esperar; e
elegem o Abel Urbano, como homem da
situação e como autor da proposta ini-
cial. O Abel Urbano, é claro, percebeu
muito bem o liço em que se ia metter
e recusou; o Conselho, no entretanto,
expoz de novo para o ministro a discor-
dancia q. havia entre a lei, a portaria do
ministerio de Justica e as ordens do mi-
nistro da Instrução — e expoz, para não
levar pancada, por causa dos medrosos,
muito comedidam.^{te}, de chapéu na mão.

«Mas ontem, no Diário, vem o caso re-
solvido. O ministro da Justiça, por nova
portaria, ordenou a subreza de tudo, que
com valor artístico quer sem ele...

«E aqui vem o final da festa.

«O Tomás foi para Montagua reunir
pinheiros; o sr. Gonçalves está com 80 e tal
anos e a decair dia para dia; a maioria
do Conselho encolhe-se com medo; alguns,
mesmo, fazem festas ao Ferraud de Al-
meida; e eu...

«E eu aqui estou a meça-lo com todo
este rosario de misérias, a final satisfeito
por me libertar de incomodos e arrelias q.
me prejudicavam a saúde e trabalhos que
me tiravam o tempo e me davam despe-
ras.

«E agora... o n.º 1 da Revista está qua-
si pronto e quero ver se vem para a sua
terceira; quanto ao resto... não é já con-
go. Creio q. o Conselho atravessa um pe-
riodo muito grave e que afecta, de facto,
a sua existencia. Mas a culpa não é mi-
nha.

«Defendi as atribuições do Cons.º e a pu-
prevacia do poder civil dum Estado repu-
blicano a que o Conselho não pode ser in-
diferente; os padres exipiram, o Ferraud
cumpriu, os colegas encolheram-se quasi

todos... Pronto! nada feito! É a prova de
uma afirmação de Passos Manuel: é mais
difícil governar com as leis de que com o
arbitrio.

«E com isto não enfado mais. Para
maçada basta e para miséria ainda mais.

«Vivo agora possesso. Tiraram-me o
lugar no exercito sem explicações; a pre-
sidencia do Conselho por inconveniente;
daqui a pouco estou cadastrado...

«Os meus cumprimentos, etc. etc.

A carta resume, mais ou menos, o
caso. Quanto á pu.^a accção na presidencia
do Conselho ficará para qualquer dia, com
rapar e paciencia.

Fevereiro: 11.

Ora com a reunião de demissão da presi-
dencia do Cons.^o de Arte e Arqueologia, ter-
minei, tambem, a minha missão jun-
to da Comissão do Monumento aos her-
oicos da Guerra em Coimbra.

Isso tem uma historia rapida.

O Conselho foi convocado para uma
grande reunião de forças vivas, militares,
funcionarios civis, etc. que se realizou
no Quartel-General sob a presidencia do
Comand.^{te} da Região, o coronel Jacinto

dos Reis Fischer. Desta reunião saiu uma comissão executiva á qual fiquei pertencendo porque o Conselho ficou representado pela e, na mesma noite de dezembro do ano passado em que a reunião se realizou, a comissão executiva entrou logo em funções.

Passado algum tempo abriu-se concurso para o monumento. Na discussão das cláusulas, foi o bom e o bonito!

Tive de me bater com a basofia baloia do representante do Turismo, o dr. Manuel Braga e com o dr. Mario de Almeida, presidente da Câmara; queriam eles q. a comissão executiva fosse o júri do concurso, isto é, que a comissão escolhesse o projecto entre os apresentados. Consegui, porém, que se nomeasse um júri e dei os nomes que me pareceram bons; mas queriam eles que, depois da decisão do júri, a comissão escolhesse o projecto que melhor viesse!

As discussões eram intermináveis e tive de me bater com o rábula do Mario de Almeida — que é advogado. Consegui, porém, que o júri fosse a entidade que escolhesse e que a sua decisão fosse respeitada.

Outro ponto discutido: o local. Eu sustentei que na Praça da República, local

escolhido pela maioria exigia verba
 muito alta para monumento condigno;
 e se abrissem concurso sem fixar ver-
 ba, cairiam no dilema: ou o monum.
 se não levantava porq. não chegassem o
 dinheiro ou os artistas propunham mo-
 numento dentro da verba possível e,
 neste caso, não poderia ser levantado
 em tal praça.

Não conseguí convencer os homens
 e o concurso lá foi aberto para a Praça da
 Republica, tendo a comissão em caixa
 uns 70 ou 80 contos!

Se me não expauro, o prazo para
 o concurso terminou em 31 de Maio do
 anno passado e então se tratou do júri.

Felizmente foi aceite o júri que eu
 propuz e que era composto por: Anto-
 nio Augusto Gonçalves, Manuel da Sil-
 va Gais, Antonio Carvalho da S. Pinto,
 Antonio da Costa Mota (S. Lúcio), José Ca-
 mara Carvalho e Silva e Vergilio Carneiro
 além dum membro da comissão que eu
 propuz fosse o coronel Fischer.

Este, porém, recusou e quiz que fo-
 se eu o representante

Ora o júri reuniu em um dos pri-
 meiros dias de julho e reprovou tudo!
 Eravam uns 8 os concorrentes.

Esta reprovação trazia complicações para a comissão, pois via-se obrigada a novo concurso e mais trabalhos e seguintes. Propuz eu então que se estudasse uma variante: como para a Praça da Republica nenhum dos projectos servia, o juri prepararia uma solução á comissão e vinha a ser: escolher um dos projectos que fosse applicavel a outro ponto da cidade estudado convenientemente.

— Isso é subtil... disse-me o Costa Mota, Solerinho, logo que eu fiz a exposição da variante.

O juri ficou a olhar para mim, um bocado; mas por fim acedeu e aprovou a ideia. E nestes termos fez-se a escolha do projecto do escultor Luis Fernandes e do architecto Ant.º Varela, rapazes novos de Leiria, para um dos novos trabalhos ajardinados da esplanada Sá da Bandeira.

Laureou-se uma acta (que eu fiz) e communicou-se tudo a comissão que concordou sem relutancia.

Tudo isto foi o resultado do concurso por aberto sem condições de preço, como acima deixei dito — e que se teve de remediar com a me.^a subtilera...

Eu 8 recebia as duas cartas do Julio Vaz, uma dos concorrentes; carta em que eu viva, desajustado por não ter sido classificado.

O projecto deste era inexpressivel para uma praça de cidade; interessante para jardim, ou para recanto de avenida, apenas. Mas que fazer? Não lá dizer ao Pai que o Filho é feio!

Depois, daí a dias, vieram cá os autores do projecto classificados — dois rapazes simpáticos, modernos, desenfreados. Tivemos uma reunião com eles e com a Câmara e a infatigável Comissão de Turismo representada pela pessoa do Manuel Braga — o tremendo Manuel Braga!

Tudo ia falhando!

O jardineiro do Porto, Jacinto de Matos, que ajuda a fazer os jardins da Avenida da Sá da Band. não queria escaupalhar os talhões nem os reflexos e chegou a dizer q. a população de Coimbra estava ansiosa por ver romper os "jogos de agua" que ele ajudava a preparar, etc. etc.

Eu e o architecto Silva Pinto, com bons modos misturados com bom humor lá tivemos artes de os convencer; e ficou assente que o monumento fica-

A politica da ditadura, ou antes, a politica dos tenentes do quartel, fez cair a Câmara presidida pelo Mario de Alencar; foi nomeada uma outra presidida pelo coronel Abel Urbaneas, vogal do Conselho de Arte e Arqueologia. Este coronel é um espirito cativera e essencialmente de contradição; poucos dias depois da sua posse constava que ele não queria o monumento no local escolhido e o capitão Barros e Cunha que é o secretario da comissão do monumento disse-me que, falando-lhe sobre o assunto e dizendo-lhe que a Câmara antes já aprovara definitivamente o ~~local~~ local, ele, coronel, respondeu:

— Que me importa?... A Câmara agora não eu! E eu não autorizo!

E assim se chegou ao dia 12 de Novembro em que a comissão se reuniu e á qual, pela 1.^a vez, compareceu o Abel Urbaneas. A comissão confiava em mim, unica pessoa para se bater com o superheiro; e realmente fui a unica pessoa que se opoz á proposta dele: o monumento ficaria em frente do Teatro Avenida, no fundo da Avenida Sá da Bandeira — o q. faz supôr que seria ele o autor do artigo anónimo do

journal O Despertar a que acima me refiro.

Na discussão do assunto, mostrei que o local não comportava o monumento; que o espaço era inferior á base; aleguei razões de ardeur estética e até de disciplina do Conselho de Arte onde o caso ficára arrumado.

Mas nada! O casmurro teimou e ninguém me ajudou a vencer o homem; todos tinham medo dele.

Por fim, o Luis José da Mota, para dar tempo, propoz que se consultassem de novo, os membros do júri acerca de mudanças do local; eu procurei opôr-me, mas como todos viram que era a maneira airosa de pairem da sessão sem questões, todos aceitaram a ideia do Mota. E o Fischer, que previdia e que esteve sempre calado, como do costume, disse que eu era a pessoa indicada para ouvir o júri visto que já dele fizera parte. Todos aprovaram e respiraram! A questão estava adiada!...

E sem violências.

Desta sessão, o dr. Manuel Braga deu noticia, no dia immediato na Gazeta de Coimbra, noticia breve, sem comentarios, á maneira de nota officiosa.

Não dizia tudo, mas estava exacta o que meem sempre acontece com as notici-
cias feitas pelo Manuel Braga.

Comuniquiei tudo isto aos artistas e resolvi não ter pressa na consulta ao ju-
ri — para dar tempo a que o Abel Urbano saia da Câmara, pois não deve lá es-
tar por muito tempo.

Os artistas responderam-me em carta de 4 de Dezembro; e só em 31 de de-
zembro é que recebi o novo projecto de
colocação do monumento mandado fa-
zer pelo Abel Urbano. Por isso só em
Janeiro é que comecei, vagarosa-
mente, com as consultas, para dar tempo
ao tempo...

Comecei pelo architecto Silva Pinto
com o qual me ri de tudo isto. A sua
opinião era clara-^{te} contraria á meu-
dança de local.

E quando me dispunha a procu-
rar um outro qualquer votal do ju-
ri surgiu o incidente que me expulsou
da presidencia do Conselho de Arte e, por
consequencia, da representação do meu
nome na comissão do monumento.

Escrevi, pois, ao coronel Fischer, a
25 de Janeiro, a seguinte carta:

« ^{meu} Sr. Presidente da Comissão
Executiva do Monum.^{to} aos Martos Comin-
vencidos na Grande Guerra:

« Como fui despedido das funções de
Presid.^{to} do C. A. A. pelo ^{meu} Sr. Ministro da In-
strução, venho informar V... de que deixo
de fazer parte da Comissão a q. V... tal
dignamente preside.

« Aproveito a oportunid.^{de} para agra-
decer a V... e a todos os vogais da Co-
missão, as m.^{as} despedidas e para agra-
decer a todos, muito affectuosam.^{te}, as
atencões com que sempre fui tratado.

« E com a affirmação da m.^a recita
consideração, etc. etc. »

Sei que o Fischer se referiu, a meu
respeito, com palavras m.^{as} atenciosas
na sessão em q. a carta foi lida e propoz
que na acta ficasse com voto de pesar pela
m.^a saída. O secretario, porém, ~~comunicou~~
~~o voto~~, mas me communicou o voto; até
hoje não sei oficialmente de nada.

Os autores do projecto do monu-
mento, a quem escrevi sobre o assun-
to, escreveram - me em 31 de Janeiro
mapoados com tudo o que tem acontecido
e pedindo - me esclarecimentos para
seu governo.

Eu respondi - lhes ainda em 6 deste
mês com a seguinte carta:

« Não respondi logo, a agradecer a
amável carta de V. V... porq. queria
dar-lhes conhecimento de mais alguma
resolução da comissão do monumento.
Agradeço-lhes muito as boas palavras
que me dirigiram e que são exageradas; eu
só fiz o que devia perante a simpatia que
o caso de V. V... logo de começo me mere-
ceu — e poderia V. V... continuar a contar
como me pouco q. posso, para, fazer.

« O caso, porém, está, neste momen-
to mais embolhado... Depois de duas
reuniões da Comissão executiva, chegan-
do a conclusão de que o coronel Abel Ur-
bano, presidente da Comissão executiva
da Câmara não quer o monumento no
local escolhido.

« A expressão é esta: não quer!

« Esta comissão do monumento rein-
quire por a questão como devia ser pos-
ta; isto é: que em assuntos desta nature-
za não há absolutismos pessoais; e fran-
camente sem querer entrar no campo de
defeciação do nosso País, eu creio que
em nenhum outro as coisas teriam cor-
rido como correram.

« Mas, enfim, medida neste beco sem saída, a comissão do monumento resolveu recorrer para a "Grande comissão," — á qual vai entregar o problema da escolha do local...

« E aqui vem U.U. ... como o caso está posto: um assunto que só técnicos deveriam resolver tranquilamente, vai ser debatido numa assembleia heterogênea (forças vivas, imprensa, guarnição militar, et alii) que não tem a menor preparação e na qual, provavelmente, não haverá um artista.

« Vou ver, porém, se desta reunião (6.ª feira ou sábado) saí uma consulta a U.U. ...; pelo menos vou insinuar isso a um ou outro vogal de maior predomínio — já que lá não tenho voz — e se reconhecerem que os autores do monum.^{to} têm um bocadinho de direito a uma consulta...

« Repito: tenho o maior desejo de lhes ser útil e não esqueço que são dois artistas novos, cheios de vontade, e dignos de toda a simpatia. Não tenham receio pois de se me dirigirem e contarem com o pouco que vale o que é, afectuosamente, de U.U. ... etc. etc. »

E a questão está neste facto já eu que a esmurrice do Abel Urbano a colocou e a covardia dos vogais da comissão ajudou a colocar.

O que fôr poará.

Sua alma, sua palavra. Eu estou fãra da baralha — e ainda bem.

Fevereiro: 12.

Ainda a propósito da minha destituição do presidente do Cons.º de Arte e Arqueologia, devo acrescentar mais coisas, como elementos futuros para avaliação destes episodios cauesinhos — mas requeramente elucidativos.

E para melhor clareza, vou dividir em capitulos.

I

A revista - boletim

Ao querer pôr em pratica a ideia de uma revista, boletim ou órgão do Conselho de Arte, consegui reunir varias vezes os seguintes vogais: Tomás da Fonseca, Alberto Cupertino Pessoa e Vergilio Correia.

Depois de muita discussão e, ás vezes, de baralha (principalmente da par-

té do Pessoa) assentou-se em que a revista teria, periodicamente, em cada numero, a seguinte composição:

- a) tres artigos sobre arte ou arqueologia, assento serio e de bons autores;
- b) Um artigo acerca dos museus da circumscriçao ou de parcelas dos museus;
- c) Documentos;
- d) Noticias locais (Cidades e circumscriçao) a respeito de monumentos;
- e) Noticias do estrangeiro (acontecimentos mais notaveis);
- f) Bibliografia;
- g) Boletim do Conselho em que se fizesse publico o que nele se passava e o que nele se tem feito; e
- h) Resumos em francês e iuglês.

Seria, pelo plano que aqui fica, coisa de certo geito e que, estare certo, não em reponharia.

Contávamos com colaboração, além dos vogais do Cons.^o, dos seguintes: Joaquim de Vasconcelos — Araújo de Lacerda — Korrodi — Mergueta de Figueiredo — Dr. Paraisa, de Leiria — Alfredo Guimaraes — Afonso Duarte — Archer de Lima — Manuel Monteiro, Braga — João Couto — Eurico Sales Vianna — etc.

etc. além dos directores dos museus da
da circunscriçãõ.

Cheguei a escrever a varios dos
quais tive resposta afirmativa.

Consegui um artigo de abertura do
Ant.º Augusto Gonçalves, muito curio-
so por si mal; e comecei a trabalhar logo
em Fevereiro do ano passado — ha um
ano!

E a certa altura contava organizar
o numero da seguinte forma:

Para a alinea a): o artigo do Gonçal-
ves; metade dum estudo inédito do dr.
Teix.º de Carvalho sobre artistas do Renas-
cimento; e um artigo do Verpilio Carrêa
sobre esculptura da mesma época que
eu lhe arraquei com um ultimatum
porque, com pretextos futeis, chegou a
negar colaboração.

Despeitos?... O Verpilio é para mim
ainda um ponto de interrogação.

Para a alinea b): artigo do Almeida
da Moreira sobre o museu de Vizeu, com
gravuras.

Para a alinea d) noticia sobre o pa-
lacio Municipal transformado em Palacio
de Justica, feito pelo architecto Camara
& Silva; sobre o monumento aos mortos
da G.ª Guerra, feito por mim; sobre a

a igreja de S. Bento, pelo Tomás da Fonseca; e sobre a capela do Tesoureiro, a Sofia, pelo Ant.º Augusto Gouveias.

Para a alínea g) : o quadro do Conselho em 1 de Janeiro de 1928; e as actas, em resumo, até á data da publicação do numero.

Ficaria coisa em termos, creio eu, e daria, de certo, boas impressões.

Mas... começa aqui a tragedia de quem, em Coimbra, não é Doutor...

Promessas, boas palavras, mas nada mais; e o numero que se começára a compôr na Imprensa da Universidade e a que se deu (por combinação minha com o Dr. Joaquim de Carvalho) o nome de Arte e Arqueologia. Revista do Conselho de Arte e Arqueologia da 2.ª Circunscriçãõ, foi ficando emperrado como máquina a que faltasse o oleo.

O architecto Camarã e Silva parecia-me fugir de mim; o Tomás da Fonseca, não sei por que razão, nunca mais me falou no artigo sobre S. Bento; havia, em todos, uma especie de afastamento que me fazia aguentar só com a revista. Talvez que, recordando o pouco exito da publicação todos fizessem á responsabilidade — o q. não era de admirar.

Contudo, enchi-me de terros e quiz ao mesmo, fazer sair o 1.º numero embora cu.º inferior ao que se projectava.

Mandeí fazer as gravuras ao Marques Alencar, do Porto, que me prometeu o abatimento de 30% — que foi importante. E as coisas estavam a caminho quando saí da presidencia e resolvi abandonar a revista á sua parte.

He um anno que se arrasta sem se ter maneira de fazer andar tudo como queria e, diga-se, como se combinou.

O Vergilio Correia disse-me que se devia continuar com a direcção da revista... tive vontade de o mandar á sua da. Pareceu-me sempre que ele continuaria, á sua casa, a escrever — e sem agora com a availability.

O Vergilio, debaixo da capa amavel que sempre envolve, deve ser um grande gajo.

Enfim, deixo á mercê da parte a publicação, afinal, a mais de seis. Mas que se aquentem. Eu não quero mais, não me entendo com esta gente.

O Vergilio, então, só tem a lucrar com a revista; ele que a aquente, que se rá para seu proveito.

As notas officinas

Uma coisa que sempre no Conselho se desprezou foi o contacto com o publico; e assim, este ignorava o que se fazia e muitas vezes censurava o silencio.

Tomei a iniciativa de, a seguir a todas as sessões, ou quando houvesse caso de maior monta, fazer uma nota p.^a os jornais.

Arqueiro agui todas as que mandei para a Imprensa — resumo, afinal, do q. se fez durante a p.^a presidencia e que podesse ir ao conhecimento do respeitavel publico.

Bem sei que é medocrosa, mas não faz mal a ninguém.

Até ficarem.

« Conselho de Arte e Arqueologia. — Na sua sessão de 5 de Fevereiro (1928) o C. de A. e A. da 2.^a Circunscriçã (Coimbra), tomou conhecimento das deliquencias feitas pelo seu presidente e por alguns vogais a respeito de monumentos nacionais da sua area.

« Resolven chamar a atençã das est^{as}

ções competentes p.^o o estado em que se acham alguns outros monumentos.

« Tomou-se duas comissões p.^o estudar entre tantas propostas apresentadas, com o fim de intensificar e valorizar os trabalhos do mesmo Conselho. »

Da sessão de 26 de Fevereiro de 1928:

« C. de A. e A. — O C. de A. e A. da 2.^a circumscrição resolveu, entre outros assuntos promover uma serie de conferencias no Museu Machado de Castro e afirmar a sua solidariedade ao vogal Laureano Chaves de Almeida a propósito dum facto recente da sua vida official; tomou conhecimento dos trabalhos feitos pela comissão encarregada de estudar a possibilidade da publicação dum boletim; e tomou varias resoluções acerca de assuntos da sua competencia, especialmente acerca das obras de adaptação do Collegio de S.^{to} Tomás e Palacio de Justiça. »

Da sessão de 8 de Março de 1928:

« O C. de A. e A. da 2.^a C. officiou á Direcção das Belas Artes chamando a atenção do Sr. Ministro da Instrucção para

o facto das obras de adaptações da residência da família ducal a Palacio de Justicia não terem sido entregues a um architecto e au.^{to} especialmente ao sr. Silva Pinto que foi o autor do projecto em grande parte já executado; e procurando mostrar o inconveniente de obras de tal natureza e tal responsabilidade serem entregues muitas vezes a individuos q. (seubara dotados de intelligencia e boa vontade) não possuem titulos de competência tecnica ou qualquer obra de merito comprovado q. justifique a sua escolha. »

Esta ultima nota refere-se a um caso só possível em Portugal ou em países tão atrasados como o nosso em materia artistica.

O edificio do Colegio de S.^{to} Tomás foi entregue ao capitão de Infant.^{aria} Castello Branco, mestre de obras audacioso, para adaptar a Palacio de Justicia e completar a sua restauração.

Hei-de contar aqui o caso, que é interessante, se um dia estiver com paciencia para isso.

Mas vamos repellido com as notas officinas:

Da sessão de 1 de Abril de 1928:

«... O C. de A. e A. da 2.^a C., na sua sessão de 1 do corrente, tomou conhecimento do Decr. n.^o 15216 que reorganizou os serviços artísticos e arqueológicos e, em obediência a uma das suas disposições, elegeu o architecto sr. Silva Pinto para seu representante no Cons.^o Sup.^o de Belas Artes; tomou tambem conhecimento de que o architecto sr. Silva Pinto não aceita a nomeação para vogal da Comissão encarregada de adaptar o Collegio de S. Tomás a Palacio de Justiça em virtude das condições em q. a nomeação é feita; e tomou, entre outras resoluções, a de continuar o estudo já suscitado, acerca da redacção e conservação da capella de S. Domingos, chamada do Tesoureiro.»

Da sessão de 27 de Maio de 1928:

«... O C. de A. e A. da 2.^a C. na sua sessão de 27 do corrente prestou homenagem á memoria do seu 1.^o Presidente o sr. Dr. Julio Augusto Fleuryves e á do vogal effectivo Albino Caetano da Silva Pinto. Depois do Presidente e alguns vogais terem falado acerca dos dois quartos que do Conselho farão dedicados e valiosos auxilia-

res e depois de aprovado um voto de sincero e feroz reprobamento, a sessão foi encerrada. »

Da sessão de 3 de Junho de 1928:

«... O C. de D. e A. da 2.^a C. na sua sessão de 3 do corrente, resolveu admitir, por unanimid.^{de}, como vogal efectivo, o architecto sr. Joaquim Camara de Carvalho e Silva; tomou conhecimento de varios trabalhos da sua comissão executiva relativos á propaganda do Museu Machado de Castro e ao legado Camilo Pessanha; aprovou e laurou os esforços do director do Museu Regional de Lauro, feitos em defesa do edificio onde este se acha instalado, resolvendo expôr o assento ao sr. ministro de Instrucção; e tomou conhecimento de varios outros assuntos pendentes entre os quaes o da revista Arte e Arqueologia cujo 1.^o num.^o está muito adiantado. »

Da sessão de 1 de Julho de 1928:

«... O C. de D. e A. da 2.^a C. na sessão de 1 do corrente, tomou conhecimento (entre outros assuntos de expediente e de interesse mais restricto) das delibencias

feitas pela sua comissão executiva para a recepção do Lepado Carrillo Passanha o qual ainda se encontra a bordo de um navio de guerra; resolveu levar a Câmara de Lauro pelo interesse e energia q. mostram na defesa do edificio onde se acha instalado o Museu Regional, ameaçado de modificações prejudiciais não só á segurança do Museu como á estética do edificio; e resolveu tambem prestar, ainda no corrente anno uma homenagem á memoria do Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho para a realização da qual foi nomeada uma comissão.»

Da sessão de 14 de Agosto de 1928: ⁽¹⁾

«... O C. de A. e A. da 2.ª C. dá conhecimento de que não foi ouvido nem teve a menor interferencia na escolha e nomeação de uma comissão que ha dias se reunia em Coimbra para decidir acerca da igreja de S. Bento. Os dois vogais que dela fizeram parte não representam, por consequencia, o Conselho. Informa ainda o Conselho de que a respeito da re-

⁽¹⁾ Ver, atrás, pag. 4-14.

ferida igreja já por neres (e por unanimid.) têm formulado o seu voto, bem claro, pela conservação da mesma. »

Da sessão de 11 de Novembro de 1928 :

«... O C. de A. e A. de 2.ª C. na sua sessão de 11 do corrente aprovou com voto de profundo pesar pelo falecim.º do seu vogal dr. José Rodrigues de Oliv.º; acurru ao seu presid.º a exposição da ultima Tentativa p.º fazer desaparecer a igreja de S. Bento e das delibencias q. se empregáram no sentido contrario; e depois de tomar conhecimento de varios assuntos pendentes, resolveu q. a homenagem projectada á memoria do dr. Teixeira de Carvalho se realice no prox.º mês de Janeiro. »

Da sessão de 2 de Dezembro de 1928:

«... O C. de A. e A. de 2.ª C. na sua sessão de 2 de corrente depois de saudar o sr. Almeida Moreira, director do Museu de Viseu que se encontrava presente; e de lastimar a ausencia forçada do seu vice-presid.º sr. Tomás de Fouseca⁽¹⁾, tomou

⁽¹⁾ Preso no forte de Mausauto.

conhecimento da resolução favoravel dada ás suas reclamações a respeito do Museu de Aveiro e tomou resoluções acerca da portaria n.º 5742 de 17 de Novembro relativamente aos objectos de valor artistico, historico e archeologico q. teve estado na posse da Junta da Freg.ª de S.ª Cruz; resolveu varios assuntos de expediente e ouviu a exposiçao do seu presidente a respeito dos trabalhos effectuados p.ª e publicaçao da revista e p.ª a homenagem ao Dr. Teixeira de Carvalho. »

Da sessão de 23 de Dezembro de 1928:

«... O C. de A. e A. da 2.ª C. na sua ultima sessão (23 do corrente) depois de resolver varios assuntos de expediente, tomou conhecimento de q. foi aprovada superiormente a sua proposta para que fosse nomeado vogal auxiliar, em Vizeu, o sr. dr. José Julius Cesar; e de que foi já entregue ao tribunal judicial desta comarca o processo levantado sob sua participação ao empreado António Vianna; resolveu dar a devida informaçao acerca de um projecto de ampliação e reforma do Museu Regional de Castelo-Branco e de tomar posse em 24 do corrente, de todos

os objectos de valor artistico, historico e archeologico pertencentes á Junta de Frequencia de S.^{ta} Cruz; e viria a exposicao feita pelo seu presidente acerca do que se passou numa reuniao convocada para 22 do corrente no Governo Civil e a dos trabalhos effectuados para a projectada homenagem ao Dr. Teix.^{ra} de Carvalho para a qual se tem recebido varias adhesoes»

Em resumo e muito por alto se vê que algum trabalho houve e alguma coisa se fez. Pouco, pouco, ficou se se exceptuar a revista.

As actas falam por si e por mim; e se eu falar das actas da comissao administrativa que eu fiz a funcionar e q. até á m.^{ta} presidencia nunca reunira.

Esta alguma coisa deixou de utilidade e que provavelmente será aproveitada — se lhe derem essa importancia.

III

A homenagem ao Dr. Teixeira de Carvalho:

Uma das coisas em que pensei ao começar com a m.^{ta} presidencia, foi em uma homenagem ao Dr. Teixeira de Car

válho não só por entender que seria da maior justiça, mas também para dar um chegado aos reaccionarios da Terra e, especialmente, aos da Universidade.

Pensei no assunto e expuz o meu plano numa sessão do Conselho: far-se-hia uma sessão solene no Museu, rigorosa, com courentes passados á feira, presidida pelo velho Ant.º Augusto Gonçalves e em que falaria pessoas escolhidas mas que não fossem os cathedraes sempre chamados p.º todas as sessões solenes...

E assim lembrei que pelo Conselho deveris falar o Dr. Verpilio Correia, successor do haumenapeado na cadeira da Faculd.º de Letras; courentar-se-ia o Dr. Maximino Correia para falar do Teix.º de Carvalho como medico e especialmente como anatomista; e courentar-se-iam tambem o Dr. João de Barros para falar dele como homem de letras e o Dr. Aarão de Lacerda, colega na faculd.º do Porto para tratar do ponto de vista de critico de arte e até do artista.

Tudo gente nova, como se vê.

E como estava em projecto a revista, o numero a seguir á sessão reuniria os discursos, e artigos de outras pessoas a quem se pedisse, á maneira de um

in memoriam, com retratos do homenageado em varias epochas, a casa em que nasceu, em Lauro de Mattos, a casa onde morreu, em Coimbra etc. etc.

Não ficaria mal e não deshonraria a memoria do pobre Severino Martins.

O meu plano foi aprovado e... nomeou-se uma comissao p.^a o effeito.

E' claro que tudo isto levou tempo; mettem-se a morte de meu tio Albino da Silva, trabalhos varios que caíram em cima; mas ficou assente em sessão de 1 de Julho de 1888 que a homenagem se prestaria — e eu fui dando a noticia para o respeitavel publico em nota officiosa.

Calculava-se que a sessão fosse ainda dentro do anno passado; e logo que voltei de Caldas, em Outubro, escrevi varias cartas sobre o assunto e officiei ao João de Barros e Araújo de Lacerda (officios q. foram acompanhados de cartas) e ao Verplis Correia prevenindo-o do que ficava resolvido.

Ato mesmo tempo procurei o Maximino Correia a quem comidei e que accitou me.^{to} patifeito e creio mesmo que muito honrado. Só jadin que a sessão se não realizasse em novembro porque até-lá tinha muito que fazer.

Parecia, pois, estar tudo a caminhar
em ordem e sem novidade.

O João de Barros que foi amigo do Teixeira de Carvalho deveria aceitar; o Arnão
também m.^{to} amigo, quasi parente, acci-
taria com ambas as mãos; o Vergílio
teria occasião de fazer qualquer estudo em-
rioso sobre o Sermão Martiano e de lembrar
a successão na cadeira da Facult.^e; o Maxi-
miano Correia...

Mas...

Ora vamos lá aos meus.

O dr. Teix.^o de Carvalho foi muito com-
batido pelos reaccionarios da terra e em
especial pela Facult.^e de Letras. Polêmicas
antigas. O odio canónico dos leutes de
theologia que o regime republicano dei-
xou integrar na nova Facult.^e de Letras,
não perdôou e estendeu-se aos outros
leutes... A primeira impressão, todos
os cuidados acharam bem que se fi-
zesse a homenagem; mas a verdade
é que, quem entrasse na homenagem,
desagradaria aos teolopos e adherentes.

Isto é logico e por ser logico é que eu
fui cuidadoso amigo do Sermão Martiano,
gente nova que eu julguei superior a
pequenos medos e que julguei até dese-
josa de marcar posições.

Emparei-me, como toda a gente se empava. Não fica mal a mim mesmo confessar que se empava.

Começou pelo Vergílio Correia.

Em 22 de dezembro recebi uma carta dele, escrita de Lisboa, dizendo que o muito trabalho que se lhe havia envolvido o obrigava a excusar-se da homenagem... «Um "discurso académico não me é possível fazer agora...» Etê. etê.

Primeiro golpe na minha boa ilusão. Mas respondi-lhe em 26: «... A carta de "V... desgostou-me. Pareceu o Causo? resolveu " perante as razões apresentadas deusarar " mais a pessoa J.ª que V... seja (como é de " direito) o orador do Causello. V... dirá no " bre os dois pontos o que entender e dará " as suas ordens, etê. etê.»

O Vergílio não quer, evidentemente, desagradar á Faculdade que poderia reunir-se com o real da homenagem.

No entretanto, para contrabater, fui anunciando em nota-officinas que se verificara grande numero de adesões...

Entrou o ano de 1929. No dia 1 recebi carta do João Couto apoiando a ideia da homenagem e prometendo vir; no dia 7, carta do João de Barros, queixando-se do seu estado de saúde mas acci-

taudo « comovidamente o convite. » Foi o unico que não fez duvida! o unico que não receeu a Sagrada Teologia!

Depois, vem o Arão.

Em 14 de Janeiro mandou-me uma carta, depois de largo silencio, esculpando-me porque em 30 ou 31 teria que chegar ao Porto os jacobinistas de Lisboa!

Podia arranjar melhor desculpa. Fiquei irritado e em 17 respondi resolutamente:

« ^{meu} Ex.^{ma} Sr. A. de L.: agradeço muito a V... a carta que recebi em resposta ao meu officio; e informo de que, por varios motivos, a sessão de homenagem ao falecido Dr. G. de G. não se realizará este mês mas sim um pouco mais tarde.

« Por esta razão, em nome do Conselho e em meu nome (apesar de, pessoalmente, não ter a honra de conhecer V...) venho dizer q. não dispusamos a sua valiosa colaboração na homenagem projectada.

« O nome de V... acudiu logo por nos termos quanto V... apreciava o falecido professor e por sabermos tambem que tal colaboração vinha dar prestigio á homenagem: razões de polva para insistir e q. confiar em q. V... aceitará o nosso cau-

vite. Esperando uma resposta e com as
minhas saudações, subscrevo-me, etc.
etc. etc.»

Parece-me que a carta ia com amabi-
lidade e que merecia resposta. Pois
até hoje nada recebi — e já agora não re-
ceberei.

O Barão não quiz desagradar aos
colegas de Coimbra; quem sabe se ele as-
pira ainda á cadeira do Vergílio desde que
esté já definitivamente para Lisboa como
deseja? Segredos insondáveis do coração
humano — como poderia dizer o Conse-
lheiro Acácio.

E assim as coisas se arrastaram até
á minha destituição da presidência do Con-
selho.

E agora, segue-se o Maximino...

Dias depois da m.^a destituição este pro-
curou-me e disse-me que sabia da ma-
neira como fui demittido, que sabia que
o Conselho não se solidarizou comigo co-
mo devia e que ele, Maximino Correia,
como protesto contra essa attitude se desli-
gava do compromisso tomado comigo pa-
ra falar na homenagem, procurando assim
a minha consideração que tinha por mim
etc. etc.

Debalde lhe disse que a m.^a padeira não implicava pseudanua; que o Conselho é que convidou e não eu; que o favor dele era ao Conselho e não a mim. Em vão. Não discutiu; e apertando-me a minha mão direita com as duas dele agradeceu-me com certa comocão e despediu-se rapidamente.

Ora de repente, confesso, senti-me um tanto ou quanto lisoupeado com o discurso. Mas dormindo sobre o caso (porque comecei a achar a esmola muito grande) procurei descontinuar os motivos de tal atitude.

Não quereria o Maximino desagradar á Facult.^e de Letras onde é professor auxiliar de psicologia experimental? Teria receio de desagradar aos reaccionários da Facult.^e de Medicina para a qual vai fazer concurso ou vai ser nomeado?

Com estas bases fiz um supposito — e com tal portê que vim a saber que não só eram verdadeiras aquelas miinhas duvidas como tambem que chegou a audácia dos reaccionarios ao ponto de lhe inquirarem que na Facult.^e de Medicina se operiam á sua entrada se ele fizesse o discurso laudatorio ao Guim Martins!... E ainda vim a saber que o encaregado

dessa deliquencia que era quasi intima-
ção fora o professor dr. Santos Viegas que
geralmente é considerado como excelente
pessoa.

É o Maximino Correia foi abaixo e
não teve a coragem de arrostar com tam-
tã guerra e de perder a occasião de entrar
para a Faculdade. É como a reunião des-
tuição lhe deu um pretexto, agarrou-se
a ele com unhas e dentes.

É aqui está como a homenagem fi-
cou aberta á nascença. É claro que se
eu continuasse na presidencia do Conselho
a homenagem fazia-se porque substitui-
ria os medrosos de qualquer maneira.
Mas com a m.^a p.^a saída, o Conselho nada
resolve, mesmo porque a maioria dos vo-
gais tem medo dos Teólogos — e sempre
é bom andar bem com eles.

Esqueci-me de dizer que a familia
do dr. Teix.^a de Carvalho estava disposta
a colaborar; e até com dinheiro.

O coronel reform.^{do} de Eupentharis
Lacino de Gamba procurou-me para
me fazer essa declaração em nome da fe-
milia e pediu-me para o avisar do que
se fosse passando

Ficaram espantados, como eu.

IV
Varia

Um caso que se tem levantado varias vezes, desde que o Museu Machado de Castro se instalou no Paço do Bispo, é o da posse do edificio.

O Ant.^o Augusto Gouveias nunca tomou posse do casarão e nunca se importou com isso como nunca se importa com formalidades burocraticas.

E assim, quando ha uma qualquer reacção politica, os reaccionarios levantam sempre a questao.

Aconteceu o mesmo no ano passado. Foi apresentado superiormente ao director do Museu qual o titulo de posse que tinha relativamente ao paço episcopal.

O caso foi ao Conselho; o Gouveias como de costume, fez trapalhada e disse que não respondia; os vogais do Conselho, tambem como de costume, disseram o que lhes pareceu e nada resolveram.

Resolvi estudar o assunto e como o principal motivo de queixa era o não pagar renda, lembrei-me de propor a solução simples de a Camara e o Turismo se responsabilizarem pela renda futura

e a Comissão Jurisdicional dos Bens Eclesiásticos fechar os olhos á receita passada. E isto com o fim de esperar uma mudança de situação política que facilitasse uma espolija sobre tudo e entrepasse o edificio ao Museu.

Escrevi ao dr. Augusto da Cunha Oliveira, chefe de repartição no Ministério da Justiça e Regal do Conselho por onde estes assuntos passam. Respondeu-me em 29 de Dezembro do ano findo com carta satisfatória.

O caso ia resolver-se quando me mandaram embora.

E mais nada.

Com o intuito de fazer propaganda do Museu Mach.^o de Castro, por meios de postais illustrados e de fotografias avulsas que se venderiam á entrada, contratei com o fotografo de Lisboa Octavio Bobone uma serie de trabalhos.

Veiu a Coimbra e fechámos contracto p.^o ele tirar um certo numero de fotografias de quadros, estatuaria e objectos considerados dignos de propaganda. O Conselho pareceu-me indiferente perante a iniciativa, mas eu fui por diante e o Bobone começou a executar o plano.

Entretamente fui destituído do cargo; o Bobone quiz continuar, pois o contrato não era pessoal mas sim ~~o~~ com o Conselho. O Verpilio Correia, porém, fez suspender o trabalho e anulou o contrato.

As fotografias já tiradas foram para o arquivo....

Do director do Museu de Lauego, João Stuaral que eu não conheço pessoalmente, recebi duas cartas que conservei na minha colecção: uma de 10 de Maio, e outra de 3 de Novembro, ambas de 1928.

Pela leitura perceberem-se bem os assuntos. Quando-as porque são curiosas.

Da 1.^a o Conselho nada resolveu; da segunda fez-se um pedido que não teve resposta.

Tudo assim.

Não me ocorreram, agora, mais episódios do meu período "presidencial" para aqui arquivar como illustração do tempo que corre. Se me lembrarem cá deixarei tudo escrito, para gaudis dos futuros investigadores — e também para que, se eu voltar em viver, possa gozar com tais recordações.

Fevereiro : 16.

Hoje recebi uma carta dos autores do monumento aos mortos, muito curiosa, e juntam.^{te} um protesto que dirigiram á Comissão respectiva.

O protesto tem carta violencia e está cheio de ironia dura; mas é justo. O coronel Fischer não irá gostar — e o Abel Urbano vai dar por pau e por pedras. ⁽¹⁾

Fevereiro : 20.

Disse-me hoje o Barros e Cunha, secretario da Comissão do monumento aos mortos que o coronel Fischer achou graça ao protesto dos artistas e está disposto a colocar a Câmara entre a espada e a parede.

Já o devia ter feito. O Fischer foi quem fez um presid.^{te} mudo, não abriu bocca, deixou q. as discussões se arrastassem, se complicassem e se exaltassem.

E ele ... muita. E no fim pediu os votos e pronto.

Não queria ter qualquer especie de intervenção; era "constitucional" de mais.

(1) Guardei carta e protesto na m.^o coleção de cartas.

Fevereiro : 26.

Contou-me hoje o Laureau, que o juiz Aragão o chamára para lhe dizer q. o juiz Oliveira Pires a que já me referi atrás, ⁽¹⁾ está a fazer a defesa do Antunes Viana na organização do processo; que na inquirição de testemunhas mostra accentuada parcialid.^{de}; que já quiz mandar archivar o processo, etc. etc.

O Aragão aconselhou que fosse eu procurar o Procurador da Republica junto da Relação e lhe dissesse qualquer coisa.

O caso era de prender.

Fevereiro : 27.

Pedi realmente audiência ao Procurador da Repub.^{ca}, Dr. Monteiro do Carvalho, no seu gabinete da Relação.

Recebeu-me muito bem; ouviu-me com atenção o que lhe disse e as vagas suspeitas que lhe apresentei sobre as protecções dispensadas ao Ant.^o Viana. Mostrou-se admirado com tal protecção e desgostoso com o procedim.^{to} do juiz Oliveira Pires não só na defesa que está tomando do culpado mas também na intenção de

(1) Em 21 de Janeiro, a pag. 44.

acarear o dito culpado com o advogado Augusto Gouveas Lues. Mostrou interesse, disse-me que ia ver o caso com cuidado e pediu-me para lá voltar daí a uns dias.

É terminou a palestra com uma apologia á ditadura Militar e ainda por chamar escoria, ralé, etc. aos homens que governáram o País, seu regime republicano, anteriormente a 28 de Maio — o que, diga-se de passagem, não vinha nada a propósito.

Foi desabafado como outro qualquer.

É ainda a propósito da revista do Conselho de Arte, recebi hoje as gravuras do Marques e lerei. Importaram em 505.90; com o desconto de 30% ficaram em os seguintes : 354.13.

No Conselho não tiveram importância as cores; eu é que agradeço, como favor feito a mim; de lá meu novo palanqueta anuvel.

Março : 6.

Voltei ao Procurador da Republica na Relação. Disse-me que era improprio arguir o processo. Falara com o delegado e viu a "nova". Que ficassemos des-



causados que justiça seria feita, etc. etc.
palavras amáveis.

Procurei ainda o delegado, mas não
estava.

Dos autores do monumento aos mor-
tos da G. Guerra, recebi uma carta em q.
me dizem que a Comissão lhes comuni-
cára que não tomára conhecimento do
protesto que elles lhe dirigiram por causa
dos termos incorrectos e inconvenientes
com que estava escrito.

Fiquei um pouco surpreso; mas,
enfim... são razões de estado.

Março: 7.

Procurei o juiz drapão. Não estava no
seu gabinete.

Março: 8.

Procurei de novo o delegado do Procura-
dor da Republica. Estava em audiência
e não lhe falei.

Este trabalho todo por causa da justi-
ça é interessante...

Março: 10

Respondi hoje aos artistas do monu-
mento aos mortos com a seguinte carta:

« ^{meu} Sr.º : Surpreendeu-me muitô a carta de V.V. ... pois, como me deixei dizer, a Comissão havia vontade de pôr a Câmara num dilema e havia quem gostasse do protesto. Não conseguindo a reviravolta — e ainda não encontrei alguém q. me explicasse.

« Que querem V.V. ... ? As coisas são o que são e, como dizia Placido, ninguém foge aquilo que é ...

« A Comissão entendeu q. podia pôr e dispor do monumento sem dizer "agua vai" aos autores; e quando os autores, num legítimo movimento levantam um protesto, a Comissão nem, com o peso da espada que tem á cintura e grita: alto lá! não se admitem desconsiderações!

« Não será isto? Eu creio que é isto, pouco mais, pouco menos.

« Quero ver se sei o que se passou; mas ao mesmo tempo quero ver se sei, por acaso e não por interesse. Daqui a deusa em conhecer o desenvolver deste grande e horrivel crime.

« Tenham V.V. ... paciencia. Consolem-se com a certeza de q. não são os unicos a quem tais coisas sucedem; mas também com a certeza de que se não encontram não só.

« O que se debia, direi. E disponhamo
do que se assina, etc. etc. »

Março: 13.

Caeu a recente lei do limite de idade
o Ant.^o Augusto Goncalves deixou a direc-
ção do Museu Machado de Castro.

Hoje tive longa conversação com o Cha-
mes de Almeida acerca do successor.

Lá se vai por agua abaixo a obra do
velho Goncalves!

Março: 14.

Encontrei hoje o architecto Carvalho
e Silva. Mostrou-se atrapalhado com o
encontro; quiz explicar porque não es-
creveu o artigo que me promettera acerca
do monumento aos mortos e alegou que
o Amadeu Ferraz de Carvalho lhe dissera
que já não tinha oportunidade (sic) e que
falaria comigo.

Este Ferraz de Carvalho era o secreta-
rio (e creio q. ainda é) do Conselho e na-
da tinha que dar pareceres acerca da revís-
ta. Não me falei no assunto até agora
e é bom acrescentar que é muito ami-
go do Abel Urbano e o architecto foi no-
meado para a Câmara pelo mesmo Abel
Urbano... Coisas...

x

Recebi novas cartas dos autores do monumento. Elles escreveram com graça e as cartas que me têm mandado guardar na collecção, porque valeem como documentos.

Na recebida hoje dizem q. nãoem breve virente a Coimbra.

Marco: 15.

Os artistas do monumento aos mortos vieram hoje e procuráram ás 14 h. para agradecerem a defesa que tenho feito e o interesse manifestado.

Marco: 22.

Recebi carta do dr. João Couto a respeito do Conselho de Arte e Arqueologia. Fica arguinada como as outras porque também vale como documento.

Marco: 24.

O António Aug.^o Gonçalves disse que foi intimado pelo juiz para uma acareação com o António Vianna no prox.^o dia 8 de Abril. Sempre o Oliveira Pires leva a sua ávantê e vai rejeitar o velho Gonçalves á responsabilidade duma acareação com um gato e um réles.

Março : 28.

Na ultima carta, o João Couto dizia-me que no Ministerio da Instrucção se falava no Dr. Joaquim de Carvalho para futuro director do Museu Mach.^o de Castro. Eu repeti o dito em conversas, no Museu, ha dias, com a maior naturalid.^a

Ora hoje o Dr. Carvalho procurou-me muito exaltado, para se desmentir qualquer atôarda que se levantã a tal respeito; garantiu-me q. não queria o Typar nem falãra em tal com qualquer pessoa, e que o seu voto seria para o Vergilio Carneia.

Eu respondi-lhe que nada tinha com o caso, apenas me limitara a reproduzir o dito do João Couto; e com franqueza não percebi o motivo da exaltação do homem.

Um pouco mais tranquillo, quiz explicar que o seu nome apparecera por influencia do José de Figueiredo para afastar a candidatura do Vergilio seu inimigo capital; fez um arauzel muito grande q. eu não comprehendí muito bem e acabou por pedir para eu escrever ao João Couto dando-lhe a informação verdadeira...

É possível, realmente, que o José de Figueiredo se intrometesse. Nunca perdaria que o Vergilio Carneia fosse nomea-

do director do Museu Machado de Castro, e o Dr. Joaquim de Carvalho seria uma excelente solução.

Santa gente!

Abril: 5.

Fui procurado pelo capitão Correia Cardoso que me mostrou o relatório da reindicação feita ao Ant.^o Viana. É documento curioso pela forma metódica e arduada como está feito. Prova muitas irregularidades e faltas do supposto — e seu derrochamento.

Contou-me o Cardoso que fora chamado ao juiz Oliveira Pires o qual lhe esteve a insinuar a quasi innocencia do Ant.^o Viana, e quasi lhe pediu para modificar o relatório no sentido contrario. O juiz Pires passou de julgado a advogado de defesa.

Na verd.^e já ha algum tempo o es-
crivaõ do processo dissera ao Ant.^o Viana
e Dep.^o Gonçalves que o processo não daria
coisa que se visse.

Quanto á direcção do Museu...

Contou-me o Chaves de Almeida T.
o pintor Fausto Gonçalves ainda a dizer
que é ele que vai para director e levará

para conservar o Paol Miranda, filho do dr. Domingos Miranda, chefe da secretaria do Conselho. Diz mais o Fausto Gausathes que ha-de extinguir o Conselho de Arte e Arqueologia e termina sempre por dizer:

— Aquilo ha-de levar tudo grande volta...

Assim seja.

x

Compreei hoje um num.^o do jornal O Povo, de Lisboa que traz um artigo do dr. Vergilio Correia sobre o Mestre Gausathes a proposito do limite de idade que o atingiu ha pouco. Guardei-o porque nada deixa de ter interesse.

E a proposito, os reaccionarios indignam-se para director do Museu Machado de Castro o conego Joao da Silva Campos Neves — o meu am.^o Campos Neves!

Abril: 6.

A revista do Conselho parece que suspensa por falta de energia. Desde que eu abandonei o Conselho ninguem mais lhe pegou.

A unica esperanza que tenho e' que o Vergilio comeca a ver nela um meio de publicar os seus trabalhos e um pon-

to de apoio para a bordada nos seus adversarios e eu que e' eximio.

Então, sim. A revista sairá.

Não ha duvida de que eu Coimbra e' necessario ser doutor para se conseguir alguma coisa. Apesar de todas as boas palavras tive á minha volta, quasi sempre, a campanha do silencio.

Não seria?

Pelo menos pareceu-me. Não quero dar a impressao de que me julgo perseguido; mas se não e' assim, pelo menos pareceu-me.

Abril: 7.

Fui hoje ao Museu Machado de Castro. Com conversas disse-me o Lourenço Chaves de Alen.^{da} que o pintor Fausto Gonçalves já desistiu de ser Director do Museu e que cedeu em favor do patarata Raul Miranda o qual ainda a trabalhar nesse sentido com certo sucesso.

x

Disseram-me hoje que o Sergio de Castro largou o cargo de Governador Civil abandonando o edificio quando soube q. na substituição trimestral dos membros da comissao de Censura, o alferes Soares da policia de informacao tinha mandado

mais do q. ele e passado por cima das
suas ordens e das do commandante da
Região. Gaiu como devia...

Talis vita, finis ita. A terra the seja le-
ve...

Abril: 8.

Fui com o Laurencio Gh. de Almeida ao
Tribunal accusar o Ant.º Augusto
Gonçalves p.ª a hipótese de o Antonio Viana,
com as suas insolencias, provocar qual
quer incidente.

Aquilo foi uma coisa inaudita!

Em resumo se póde dizer que o juiz
Oliv.º Pires está a fazer a clara defesa do
acusado, como qualquer advogado.

Ouvia-se lá dentro, no gabinete, a
voz irritada do juiz contra o Gonçalves;
a voz de falsete, mas solene, do Viana,
acusando o Gonçalves; e a voz mais fr-
ca do Gonçalves repetindo as acusações,
sem ser atendida, como se ali ele fosse o
acusado e não se tratasse duma acarea-
ção entre um maldandrim de alto cotur-
no e um homem de bem na mais alta
acepção do termo.

Já o vexame da acareação me pa-
rece inqualificavel; mas o facto de o
juiz querer defender o arguido e exal-

tar-se com um dos acareados é que me parece esiza nova.

A exaltação começou logo que o Antonio D. Gonçalves leu, de entrada, a seguinte declaração:

« Não costumo mentir. Nunca menti. Não por virtude, mas por autêntica moral e afirmação de carácter, porque assumo sempre a plena responsabilidade dos meus actos e das minhas palavras. Posto isto, assevero, sob palavra de honra que não dei os azulejos nem a cortina de que se trata.

« Considero esta acareação exorbitante, absurda e vexatória. É protesto contra a hipótese, inverosímil e arbitrária, de se julgar que eu seja capaz de desmentir hoje um facto que ontem positivamente afirmei.

« Eis a razão porque terminantemente me recuso a sujeitar-me a um debate estéril e deprimente. »

O juiz não aceitou a declaração e, por consequência, não ficou exarada no depoimento.

Ora o Laureço, em desrespeito ult.^o quando o Almeida Moreira, de Viseu,

veio a Coimbra, na altura em que o processo transmitta da investigação para o Tribunal, disse-me que este viera pedir ao juiz Pires, de quem é íntimo amigo, a protecção para o Viana. Não quiz então, acreditar — mas apara mejo a possibilidade de tal afirmação.

Depois da cena inacreditavel que se percebeu bem através da porta entre-aberta, o juiz veio cá fora em serviço a qualquer cartorio; viu-me, e á volta abordou-me confidencialmente, pedindo-me para eu prestar um alto serviço ao Gonçalves como amigo que era dele. E começou a falar das contra-dições que attribue ao Gonçalves nos depoimentos e que reputa m.º graves; disse que acima de tudo quer esclarecer a verd. e por isso promoveu a acareação que ele sabe ter irritado muita gente (sic) mas que procedeu assim perf. não olha á categoria das pessoas no cumprimento dos seus deveres; quiz fazer ver que o Gonçalves está desmemoriado, capotico; e que o que o Viana diz deve ser mais verdadeiro; enfim, uma argumentação cerrada (que eu tive de ouvir estado) para concluir que o melhor de tudo ainda é o processo ser ar-

quivado, pois como as coisas estão, o
nem pode ser absolvido.

Conseurou a demora da revidancia
e extranhou que o revidante diga que
tem provas, etc. etc.

A certa altura foi-se embora sem eu
ficar sabendo qual era o serviço que po-
deria prestar ao velho Gonçalves.

Eu pouco lhe disse. Lancei-lhe algu-
mas lascas narrativas de que ele, certá-
mente, não gostaria. A ultima foi:

— Olhe dr.: desde criança oigo dizer
que o Viana é a coisa mais real e mais
baixa que ha; se eu fosse juiz não exita-
ria em tomar como mentira o que ele
diz desde que fosse em opposição a pessoa
como o Gonçalves.

Passou 3 horas de tortura a que o juiz
rejeitou o velho artista — o que não é f.^o
admirar porque o gabinete está no edifi-
cio onde funcionou a Inquisição e nas
paredes ainda deve haver quaesquer em-
nações...

Nota curiosa: foi necessario a certa
altura o processo; quem o foi buscar ao
cartorio não foi o escrivão mas o Antonio
Viana, o rei! Passou por mim e pelo
Lourenço triumphante, com o processo
na mão, como quem diz: «Então?...»

Que dizem vocês a isto? Vejam a confiança que eu mereço!... »
 E tinha razão.

No Diário do Governo de ontem vem o afastamento do Ant.º Dep.º Gonçalves da direcção do Museu Machado de Castro em virtude da lei do limite de idade.

O Tomás da Fonseca só agora é que acordou e convocou o Conselho para amanhã. Eu não poderei ir mas escrevo carta p.^a ajsiar todas as homenagens q. se prestem ao velho Director.

E aproveitando a ocasião vou mandar a seguinte proposta — q. naturalmente vai melindrar os medrosos:

Proposta:

« Proponho que na acta da sessão de hoje fique exarado o protesto deste Conselho contra o vexame inqualificavel a que o juiz dr. José Cupertino de Oliveira Pires com o pretexto de esclarecimento da verdade rejeitou o Ex.^{mo} Ant.º Augusto Gonçalves intimando-o para uma acareação com um empregado do Museu arguido de culpas graves no desempenho das suas funções e causando que o arguido falasse com arrogancia e fizes-

re acusações contra o sr. Director do Museu Mach.º de Castro como se fosse o queixo e como se tivesse algum direito a falar perante gente honesta.

« Sala das sessões, 9 de Abril de 1929. »

Abril: 9.

Reconsiderando um pouco e para não meter o Conselho em novas carrapatas, reduzi a proposta anterior ao seguinte:

« Proporho que na acta da sessão de hoje figure exarado o protesto deste Conselho contra o vexame inqualificavel a que foi sujeito o ^{meu} Sr. D. A. G. sob o disfarce duma acareação com um empregado do Museu arguido de culpas graves.

« Sala das sessões ... etc. » ⁽¹⁾

x

A' noite.

Li agora a noticia da morte do querido e velho amigo José Colaco Alves Sobral.

Mais um companh.º que vai embora. Era dos mais amigos que muito tempo vive e que ainda hoje se mantém na mesma, embora as nossas vidas, por occupações diferentes, se tivessem qd-

⁽¹⁾ Ver adiante: 12 de Novembro de 1930.

Tudo um pouco. Era rapaz leal, muito
 justo, trabalhador consciencioso; infeliz
 em todas as suas coisas; nunca conseguia
 ver realizado qualquer desejo.

Quem sabe se, ao conhecer a morte,
 a desejou; e pela primeira vez sentiu
 que se realizava algum desejo!

Pobre rapaz, merecedor de melhor vi-
 da! E em que miséria ficaram os filhos?
 A vida é coisa tremenda.

Abril: 10.

Encontrei o Laurenceo Chaves de Al-
 meida que anda furioso por o Antônio
 Viana se gabar de que venceu a questão, de
 que tem excelentes padrinhos, etc. Quere
 queixar-se ao Procurador de Republica
 junto da Relação.

Procurei acalmá-lo e prometi-me ir
 ouvir o juiz Arapão.

Abril: 11.

Fui hoje procurar o dr. Gilberto de
 Arapão a quem contei todo o acontecido.

Ele ficou visivelmente incomodado
 com o caso de acareação e com a mar-
 cha do processo. Contou-me varios ca-
 sos sucedidos com o juiz Pires que pro-
 vau bem a sua falta de escrúpulos —

para não dizer mais claramente falta de carácter.

Dize-me que não estranhou, por isso, o seu procedimento principal. ^{re} porque sabe que tem sempre o fito de lhe ser desagradavel. E pela conversação vim a saber que se alguém se queixasse ao Cons. Superior Judiciario com fundamentos, esta entidade interviria no assunto. O Arapáo insinuou-me habilmente a paida...

E não ha outro remedio; teremos que recorrer ao Cons. Superior Judiciario.

Abril: 12

Fui procurar o Laurencço para lhe dizer que, se quizesse, poderia queixar-se para o Cons. Sup. Judiciario.

O engraçado é que ele mostrou-me logo a queixa já feita...

Deu-me p.^a em rever e emendar e dar-lhe nova forma.

Aqui está como ela ficou e foi enviada ao seu destino:

« Ex.^{mo} Sr. Presidente do C. S. J.:

« Laurencço Chaves Almeida, vogal do Cons. de Art. e Arq.^{col.} do 2.^o Circums-

crição e foi este nomeado para auxiliar na direcção do Museu Mach.º de Castro o sr. Director Ant. Aug. Gonçalves; e como tal participante ao mesmo Caus.º das irregularidades e faltas cometidas pelo chamado secretario do Museu, Ant.º Viana; nem junto de V. ... queixar-se de factos que lhe causam e de outros observados directamente que lhe causam estranheza e lhe parecem dignos de serem conhecidos de V. ... e do duto Caus.º a que preside.

« Vai expor-las a V. ... o mais pucilmente possível ».

« § 1.º) Em Agosto do anno p.p. o Presidente do Caus. de Arte e Arqueolog.º participou para o Director da Policia de Investigação Criminal um certo numero de faltas e irregularidades praticadas no Museu e a suspeita de que havia roubos cometidos no mesmo; sobre esta participação o M.^{mo} Juiz arquivou um processo que em fins de Novembro foi enviado para o Tribunal Judicial, tendo este Magistrado a atenção de comunicar o facto p.º o Conselho com a informação de haver indícios bastantes de culpabilidade p.º o arguido.

« § 2.º) Nesta altura, por cartas anónimas (apenas com as iniciais A.M.) chegaram-me a informação de que o arguido pedira

a protecção de um amigo de Vizeu a quem o sr. Juiz Pires (que teria de julgar o processo) devia favores; esse amigo era o sr. Almeida Moreira director do Museu Grão Vasco que efectivamente esteve em Coimbra em 1 e 2 de Dezembro e no mesmo hotel onde se achava hospedado o sr. Juiz.

« § 3.º) Pouco depois, quando o processo seguia os seus tramites, recebeu outro aviso de que o sr. Juiz Pires estava fazendo accões contraditórias a favor do arguido.

« § 4.º) Estes avisos que eram anónimos não teriam importância se não fossem os factos que se seguem:

« § 5.º) Em Fevereiro, salvo erro, o sr. A. A. Gonçalves foi iudimado para comparecer perante o sr. Juiz que o interrogou acerca de uns azulejos e uns tecidos que desapareceram do Museu e cujo desaparecimento se atribuiu ao arguido; o sr. Juiz disse q. o arguido affirmava que lhe foram dados pelo sr. Gonçalves e quando este, indignado, respondeu que nunca lhe deu nada do Museu e que era incapaz de mentir e que, além disso, o arguido lhe mandara algumas vezes a avançar e um sobrinho e um amigo pedir-lhe para di-

ver no seu desfoinamento que os objectos des-
aparecidos lhe foram dados, o sr. Juiz ter-
minou por dizer, contra o que parece lo-
gico, que em vista da discordancia, teria q.
fazer uma acareação...

« § 6.º) Em fins de Março, realmente,
o sr. A. A. Gonçalves foi intimado para
comparecer perante o Juiz — para ser
acareado com o arguido! Este facto foi
estranhado por todas as pessoas de bem
por ir sujeitar pessoa de tal categoria mo-
ral e intelectual a um debate com creatura
de tão baixo jaez como o acusado.

« § 7.º) Mas, levado pelo receio do q.
poderia produzir sobre o organismo doeu-
te do sr. A. A. Gonçalves o acto que se ia
passar, o sr. major Belisario Pimenta
(antigo Presidente do Cons. de Arte e Ar-
queologia e que, como tal, deu a participa-
ção p. Juizo) e ele signatario foram acom-
panhar aquelle sr. e enquanto esperavam
que terminasse a deligencia poderiam su-
vir algumas coisas e ver tambem en-
tras porque a porta do gabinete estava
quasi sempre entreaberta.

« § 8.º) Sem respeito pela avancada
idade, pela doença e pela categoria do sr.
Gonçalves, este sr. foi submetto a um mi-
nutaço de interrogatório a que se re-

queim uma alteração violenta em que o sr. Juiz falou exaltado e com ele o arguido, não sendo aceites pelo sr. Juiz as razões q. o sr. Gonçalves lhe apresentou de começo e por escrito p.^o evitar o vexame da acareação.

« § 9.º) Durante 2 horas e meia o sr. Juiz, abertamente a favor do arguido, deixou que este falasse alto, arrogantemente, permitindo que fizesse acusações entre as quais a de ser o signatario desta acta de uma inbrija para colocar um seu polverinho no typano dele, arguido; da qual inbrija resultou este processo. E assim a acareação se ia transformando num diz-tu-dizei-em inexplicavel, entre frases exaltadas que eram ouvidas por todos que andavam no corredor e que danavam, por vezes, a impressão de que lá dentro se ia passar a via de facto.

« § 10.º) A certa altura o sr. Juiz como soubesse que o sr. major B. P. estava cá fora chamou-o para lhe pedir q. prestasse um grande serviço ao sr. Gonçalves parq. via o processo mu.^{to} mal encarado, insinuando que melhor seria p.^o o Conselho e p.^o o sr. Gonçalves que o processo se arquivasse p.^o evitar uma absolvição; dessa conversação que terminou sem

se saber qual o serviço q. o sr. Major poderia prestar ao sr. Gonçalves, ficou naquelle sr. a impressão clara de que o sr. Juiz era abertamente favoravel ao arguido.

« § 11.º) Pelo sr. A. A. Gonçalves foi contado depois a ele signatario e ao sr. Major quando o acompanháramos a casa, que o arguido se propunha apresentar uma relação de serviços que prestou ao Museu; e como ele, Gonçalves, se opozesse abertamente a tal, mesmo parq. estava fora dos motivos da sua citação, e nesse projecto mostrasse certa exaltação, o sr. Juiz em voz baixa, aconselhou o arguido familiarmente: "Guarda isso para depois."

« § 12.º) Já ha algum tempo antes soube o signatario que o sr. Juiz pedira ao sr. dr. Correia Cardoso, juizante aos actos do museu empregado por ordem do Ministerio da Instrução, para comparecer no seu gabinete para o ouvir acerca da sentença; e quando aquelle professor lhe disse que ainda não fizera o seu relatório, o sr. Juiz respondeu-lhe: "Ainda bem! Vê. vai, de certo, modificar a sua opinião," e procurou demonstrar-lhe que o sr. A. A. Gonçalves estava capotico, de memoria, desdizendo-se constantemente.

mente; ao que o sr. Professor the objectou que tinha a opinião contraria e que na sua medicina encontrou graves faltas provas cometidas pelo arguido. Desta conversação parece deduzir-se que o sr. Juiz queria alterar o recto juizo formado pelo sr. Sindicante acerca dos factos apontados, intermido, por consequencia, em assumto alheio.

« § 13:) E a protecção parece tão clara que num dado occasião, enquanto o sr. Major e ele signatario, esperavam no corredor do Tribunal, o arguido saiu do gabinete do sr. Juiz e foi ao cartorio do escrivão para pedir o respectivo processo que ele levou, triunfante, para o Gabinete onde se procedia á deliberação.

« § 14:) Estes factos q. não resumidos desalinhamos. ^{te} levaram o sr. major B. P. a propor na sessão do Cons.º de 9 do corrente um protesto contra a acareação e a forma por que foi feita como atentatoria do prestijio do Cons.º, das razões de ordem moral que obrigaram á participação e da alta consideração e profundo respeito que a honra de seu merece a grande figura de Ant.º Sup.º Goussier.

« § 15:) E quando elle, signatario, contou ao illustre clinico dr. Dupelo da Fausse

ca, medico assistente do sr. Goncalves, o que lhe succedeu na acareação, aquelle sr. mostrou-se indignado dizendo que não se devia consentir em tal, que poderia ter custado a vida ao acareado que vive, ha cues dois annos num estado meliudrosissimo devido ao coração.

« § 16:º) Ora tudo isto levou o ripuatario a vir exprôr ao alto criterio e esclarecido espirito de V... toda esta serie de irregularidades e atropellos sobre os quaes V... não deixará de prestar atenção — para o bom resumo da Magistratura á qual confiámos os interesses do Estado e para que a justiça seja feita com serenidade e com firmeza.

« Coimbra, 12 de Abril de 1929.

« (a) Lourenço Chaves Almeida. »

Vamos a ver o resultado de tudo isto. Ainda haverá juizes?

Abril: 15.

E agora uma fepida até Miranda do Corvo...

Dizse-me o Jorge Augusto Rajoso q. ontem conversando com o dr. Carlos Sacadura, da Lourença, este lhe contára que, actualmente, numma interinidade, o juiz

substituto na Laura é o seu filho, o dr. Pedro de Mascarenhas Sacadura Botte. Ora nesta altura corre na comarca um processo contra o Cesar da Cunha Santos ex-presidente da Camara de Miranda do C.º e cidadão honorario do concelho.

É ele acusado de ter trocado seu falsado um documento num processo movido contra um medico municipal — caso q. não conheço.

Pois bem: como o Cesar terá de ser condenado porque se prova a falsaria e é monarchico e catolico e servidor da situação politica actual, o dito juiz substituto tem procurado dilacções q. não julgar o grande homem pois não quer condemnar o correlegionario.

Episodio vulgar na politica.

Maior: 4.

Encontrei hoje o Correia Cardoso. Disse-me que tem estado em Lisboa em serviço de exames e foi ao Minist.º da Instrução saber se a peticão q. ele levantou foi ou não recebida.

Pela conversa com o chefe da repartição respectiva parece q. o ministro não quer metter no assunto...

Podra solve o caso.

Mais : 16

O Laurenceo Chaves de Almeida escreveu-me a dizer que vai a Lx.^a e que quer tratar do caso da reivindicação e que pediu ao dr. Abel Andrade para o atender.

Não pareceo bem que serviço está a malheiro possa fazer suas o Laurenceo, neste caso, quer topor a tudo.

Vai barro a toda a parede.

Julho : 4.

Recebi uma carta do Laurenceo que me diz, entre entre outras coisas, q. descobriu os « motivos porque o Almeida Moreira, de Vizeu, defende o Viana... » e acrescenta : « Hoje está carta é para o informar de q. ao passar a tempo, hoje, a parte do inventario na secção de laucas, grupo "Brisso", se deu pela falta de muitas peças de laucas cujos numeros não appareceu... Quero ver se falo ao juiz Arapão a ver se isto ainda pode servir p.^a o processo. »

Ainda vai a tempo!... E para que está trabalho?

Se tudo protêje o homem!... O cuidado, agora, é para que nos não acusem, a nós, de ladrões do Museu...

Setembro: 10.

Em fins de Dezembro do anno passado vieram a m.^a casa, uma noite, o caravel Franc.^o Gomes e o geuro, o Vilãozinho Nemésio.

Conversa para aqui, conversa para acolá, o Nemésio veio a dizer que da Ilha Terceira lhe escreveram lembrando a conveniencia de celebrar o 4.^o Centenario da accção de 13 de Agosto de 1828 e insinuando-lhe que se poderia fazer um livro em que resumidas^{te} se falasse da historia do concelho da Praia e em especial da accção militar que ali se deu.

O Nemésio, depois de me expôr o seu plano da publicação de um Memo-rial, alludiu á difficild.^e da monografia militar e ao factô de não ver quem fosse capaz de a fazer com exito; de publicá-la em publicá-la, veio a descubrir o jogo que, com franqueza, eu já presentira: — o de per se o autor almejado para a monografia da accção memoravel.

Fez parecer esses "approches" com tal habilidade e tal finura que eu estava quasi encantado de o ouvir...

Se bem que me agradasse a incumbencia e, até certo ponto, me lisongeas.

se o acerete por vir de quem, segundo julgo, me costuma desdenhar e por isso meenté diminuir, cortei cerce e disse que não.

A minha recusa, vi que ficou contrariado; fez um gesto de desolação e disse vagamente:

— Então terá eu de a fazer... Vai ficar uma banalidade... Paciencia.

Eu então expliquei: via adiante de mim pouco tempo, uns 4 ou 5 meses; conhecia tipicamente os acontecimentos; necessitava de uma investigação minuciosa e isso levaria muito tempo; eu não trabalho depressa nestes assuntos; só dispenha das noites e dos domingos; — o encargo era, pois, de responsabilidade e eu não queria sujeitar o meu nome a um desaire (o que seria pouco) e a comemoração a um desastre (o que era tudo).

O Nemezio, com o seu ar acanhado, parecia resignar-se; olhava f.º o chão e f.º os lados para destruir os meus argumentos ou as m.ºs desculpas. O coronel Francisco Gomes, porém, mais jovial e mais Portugal-Velho, calado até aí, servindo apenas os dois, nesta altura tomou a palavra, quasi bruscamente,

e com a franqueza que lhe é peculiar diz-me:

— Ora adeus!... Tudo isso tem remé-
dio. O Pimenta gode muito bem fazer
a memoria. E' querer!

Achei graça ao tom de sinceridade e
boa amizade com que o coronel certou a
discussão. Eu quiz então explicar me-
lhor as m.^{as} duvidas, mas ele atalhou
logo, ao fazer menção de se levantar:

— Você faz isso com umas pernas ás
costas!

E voltando-se para o genro:

— Deixa-o falar. Ele vai fazer o ca-
pitulo que tu queres... O Pimenta faz is-
so num instante.

Rimos-nos todos. Eu, de momento,
não encontrarei mais objecções. Tive de
transpirar porque compreendi então que o
coronel acompanhára o genro para o
apoiar em caso de recusa.

Para dar, porém, tempo, disse-lhes:

— Desejo provar que não é por não
querer fazer a memoria que me estão a
recusar; vou ver o que tenho aí sobre o
acontecimento, o que ha na biblioteca da
Universid.^e e na da Camara; escrevo pa-
ra o Arquivo Militar para saber o que lá
ha — e depois direi de minha justiça.

O coronel ficou radiante. Apertou-me a mão com as duas dele e disse-me: — Pois é claro, homem! Você vai fazer isso num instante!

O Nemesio teve uma expressão de alívio e prometeu fotografias da baía da Vila da Praia, dos fortes da vila, etc. para eu fazer alguma ideia do cenário da acção; prometeu também deixar-me em casa com autorização do director da Bibliotheca universitaria, todos os livros que lá houvesse sobre o assunto; e tendo a delicadeza de me não insinuar qualquer especie de plano, agradeceu muito — e saiu com o sagro risivelm.^{te} patifeito.

Fiquei, pois, investido no cargo de promista da acção da Vila da Praia da Terceira em 11 de Agosto de 1829 — e devo confessar com certa satisfação.

Comecei, pois, por percorrer os meus vertetes e trazer p.^o cima da mesa de trabalho toda a litteraria e notas que encontrei; dai a dias o Nemesio trouxe-me os livros da Universid.^{de} onde li o que se passou nesse dia notavel; e quando recebi resposta do Ferreira Lima em que me diz haver coisas ineditas no Arquivo acerca da acção especialmente o diario de bordo do esquadro miguelista e o registro

da correspondência do almirante — eufado mergulhei de cabeça e corri a dizer ao Nemesio:

— Aceito a incumbência. Vou trabalhar na memoria. Pode contar com ela até abril.

É misto entrou este ano de 1929 que para mim começou bem mas está correndo o pior possível.

Aí por Janeiro vieram fotografias da Terceira e em especial da Ilha da Praia; com elas e com cartas topograficas que eucomprei em livros, comecei a fazer ideia do terreno em que se passou a acção. E depois de ter a documentação arranjada, lancei-me ao trabalho com certa vontade de fazer alguma coisa com jeito.

De vez em quando, o Nemesio apparecia por minha casa e eu tinha a impressão de que tinha cheirar, isto é, tinha ver se podia perceber como ia a obra.

É claro que falávamos no assunto mas eu nunca lhe mostrei o que estava feito: não admiti a hipótese de uma fiscalização. E com o andar do tempo eu derivava nele certa inquietação pelo resultado, uma vaga duvida sobre o valor do capitulo que me confiou... E eu, francamente, deixei correr.

Depois, filho de Marco, o Ferreira Lima levou a auctilid. ao ponto de me trazer a Coimbra (numa viada por conta da Assoc.^{ta} dos Arqueólogos) os dois volumes inéditos do Arquivo a quem de copias de documentos soltos que ele me mandou tirar.

A pequena monografia crescia a olhos vistos e, contra o que normalmente me acontece, não des gostava do trabalho.

Foi feito aos poucos, pois só depois das 9 h. da noite é que me podia dedicar a isso; excepcionalm.^{te}, aos domingos á tarde, alguma coisa escrevia; e á noite o trabalho não ia m.^{to} adiante da meia noite porq. me tinha de levantar cedo para ir para a Tipografia.

Na verdade, foi uma tarefa em Africa e o eu conseguir, com a m.^{ta} ajuda intelectual, completá-la a obra dentro do prazo marcado.

E não foi sem alegria que eu, em 8 de Maio, escrevi a ultima linha.

Era tempo. O Nemésio annunciou-me que era a altura de o original ir para a Imprensa; e a doença de meu Pai agravando-se e obrigando-me a perder noites, ia talvez impossibilitar o cumprimento da promessa. Mas, enfim, tudo se conseguiu e num dia de Maio dei

o original ao Nemezis; deixai-o em casa de meu Pai onde ele o foi pedir, numa manhã.

Contou-me ele depois que foi, ansioso, direito ao Jardim Botânico e sentou-se na alameda a ler; e contou-me o Sogro, passado certo tempo, que nesse dia, ao almoço, o Nemezis chegou radiante e dissera que o meu trabalho «estava muito beloso!» que eu fizera uma descrição da Vila da Praia e da Baía como se lá tivesse ido!... Etc. etc.

Atinda bem.

Foi depois disto que ele escreveu a carta com que abriu o Memorial e na qual me chamava mestre de historiografia local e militar.

É curioso que estranhando-me em o levar quando li umas poucas q. me mostrou em m.^a casa, ele fez um gesto vago que poderia ter varias interpretações e respondeu com ar despreendido e a olhar para o ar sem fixar os olhos:

— Também... repare que lhe não chamo grandes coisas...

Eu ri-me por. , na verdade, achei-me graça. Entendi ele, por consequencia, que a historiografia local e a militar eram coisas de tão pouco importantes.

cia que per-se puzeste pelas mãos eus.
 Xistia motivo p.^a sobresalto.

Estes honreus de letras veem a sua
 graça...

Em fins de Julho o volume estava
 pronto e lá foi para a Terceira no paquete
 a tempo de assistir á comemoração.

Ficou volume curioso e que não des-
 toa do facto comemorado; eu recebi um
 exemplar em papel de linho com uma
 vel dedicatória e o tirado de 25 exempla-
 res da separata da 1.^a monografia: 20
 em papel de algodão e 5 em linho.

Depois, a imprensa deu pinal.

Começou, em 10 de Agosto, pelo Diá-
 rio de Lisboa em cujo n.^o 2558, na pag.
 da frente, o Nemesio deixou um artigo
 tipico sobre o aconteim.^{to}

Em 11 de Agosto o Diario de Noticias,
 de Lx.^a, publicou uma tipica noticia com
 o titulo o derrote da esquadra miquelis-
 ta, com o retrato do Duque da Terceira;
 transcreve um periodo de Oliveira Martins
 e nada diz acerca da comemoração...

O Seculo, porém, é que deixou pagi-
 na comemorativa com gravuras e lou-
 vores, da autoria do Jaime Brasil, natu-
 ral da Vila da Praia. Lá seem uma noti-

eis circunstanciada sobre o Memorial em que se viu tratado com muita amabilidade.

El 12 de Agosto é que o Diario de Noticias, na secção Bibliographica, dá conta da saída do Memorial, mas laconicamente.

Creio que entre os dois jornais houve rivalidades suscitadas por o Jaime Brasil tomar a iniciativa, anteriormente, de fazer a comemoração.

Parcarías de nossa imprensa.

Paralelamente em Ponta Delgada o Correio dos Açores publicou em 9 de Agosto, no n.º 2667, um artigo do Luis da Silva Ribeiro em que se viu excelentemente tratado.

El 13 do mesmo mês, o Ferreira Lima conseguiu inaugurar uma exposição bibliographica relativa á acção de 11 de Agosto numa das salas do Museu de Artethoria.

Da comemoração foi esta exposição o que mais conhecido se tornou e isto porque o Ferreira Lima sabe mexer os cordelinhos da Imprensa, dessa grande abstracção do Progresso e da Civilização, etc. etc.

De mais... creio que se impõem de par tal.

O Numerio ainda publicou em 16 de Agosto, no n.º 88 da Illustração, de Lisboa, um artigo de 2 pag.ºs, com gravuras, relativo á accção; mas é interessante que nem uma citação á mi.ª monografia apesar de se apoiar nela...

Lapsos dos homens de letras.

E aqui está como fiquei envolvido no centenario da accção de 11 de Agosto de 1827; e manda a verdade que se diga que, apesar de eu ter feito a parte mais importante do Memorial (importante não pelo seu valor mas porque era a monografia do facto que se comemorava); apesar de, neste capitulo, eu ter encarado o problema sob aspecto novo e ter dado novidades na propria narração dos successos; apesar (vá lá!...) de eu não ter ganhado nada com o trabalho que me custou uns quatro meses de attenção — o certo é que ninguém dentre as pessoas que podiam ou deviam dizer qualquer coisa, me disse ou directam.ª ou pela imprensa, a menor palavra de incitamento ou de aplauso...

A monografia passou perfeitamente despercebida dos mestres da historio-graphia militar.

Outubro: 4.

Fui hoje procurado pelo capitão Bor-
reis Cardoso. Mostrou-me o officio de re-
messa da sindicancia feita ao Vizeu, de-
volvido com um despacho do actual mi-
nistro que manda cumprir certo artigo
do Regulamento Disciplinar, o qual arti-
go obriga o sindicante a propor o casti-
go ao sindicado.

O Cardoso quiz ouvir a m.^a opinião
mas percebi logo que o seu desejo era q.
se não falasse em demissão.

Realmente não falei, mas como o
Regulam.^{to} é pouco razoavel para a apli-
cação deste caso, lá lhe superei a forma
de responder que elle acciden e que vai
estudar.

Será desta?

O Cardoso ficou de me procurar no
proximo dia 7, 2.^a feira, para me mostrar
a resposta.

Outubro: 5.

No Museu Machado de Castro, o Cha-
res de Almeida disse-me que tambem
que no Tribunal ha um processo contra
o Ant.^o Vizeu por causa de um roubo de
arulejos da Igreja de S. Pedro, mas que foi
arquivado por influencia de muitos em-

peuhos que ele arranijou para o estado sub-delegado em exercicio, Bettencourt. Não sabia a epoca mas ficou radiante com a descoberta — q. afinal veu a proposito.

Ueu dos que conhece o assunto é o Adriano do Nascimento creatura do mesmo jaez de Viana mas que agora quer parecer pessoa maturizada.

Desviando o assunto (porque já me aborrece a insistencia do malfadado caso) o Laurencço fez-me grandes queixas do Tomas da Fonseca. Accusa-o, mesmo, de faltas de honestidade.

É o demonio, a preocupação que o Laurencço tem da falta de honorabilidade do Tomás. Eu não creio nestas accusações, mas o Laurencço é insistente e é capaz de o accusar um dia em publico.

Disse-me mais que na prox. reunião do Cons. vai propor para que eu « continue no exercicio das minhas funções de presidente do Cons. de Arte e Ar. » « geologia » — e não houve meio de o convencer de que tal proposta era inaproveavel alem da circumstancia de eu, decididamente não aceitar.

Outubro : 7.

O Correia Cardoso não me apareceu.

Outubro : 17.

O Correia Cardoso sempre me proeu-
rou p.^o dizer que, ao ver melhor o Repu-
lamento disciplinar, optou por propor
como punição ao Ant.^o Viana, 40 dias de
suspensão porque tem como consequen-
cia imediata a transferência de local ou
cidade. Vá lá... Acudiu por perto dos
nossos desejos — q. se resumiam em
afastar o homem do Museu e nada mais.

Outubro : 18.

Estive hoje aí o Alberto de Oliveira
— sempre manuseado da sua Torre de
Antó e da "Coimbra amada."

Acudiu um bocadinho com ele e encon-
trei-o o mesmo, alegre, bem disposto,
homem, enfim, satisfeito com a vida.

Entrou nela com o pé direito e não
encontrou pela frente senão boas vontá-
des e atenções. É' dos felizes.

Outubro : 27.

Disse-me hoje o Laurenceo Chaves de
Almeida que o Ant.^o Viana tinha garan-
tida a paralisção da reivindicação; a pro-

posta do Cardoso não agradaria e daí, o silencio discreto que caiu...

O Lourenço vai a Lx.^a e diz que quer lá tratar do caso.

Não deve ganhar m.^{to} com isso.

Outubro: 31.

Morreu hoje o Dr. Antonio José de Almeida.

Sensibilizei-me com a noticia.

Revi, enternecido, as minhas poucas relações com ele.

Pobre visionario!

E que fim de vida cruel que sofreu, quer fisica quer moralmente!

Novembro: 3.

E p.^a variar, uma historia quasi comica...

Fui hoje visitar o general Lamith. Contou-me varias coisas acerca da sua temporada em Lisboa como Administrador Geral do Exercito.

Uma delas, que diz respeito ao brigadeiro Ant.^o Gomes de Sousa, commandante da Regia^o militar de Coimbra, quero-a deixar arquivada:

Estava o Lamith a despacho com o ministro, um dia, quando se annunciou

o commandante da 2.^a Regiaõ militar; o ministro, que talvez calculasse errado, disse:

— Meu general, se V... me dá licença eu vou ouvir o commandante da Regiaõ. Deve ser assunto importante.

O Lameith, commandante, disse que sim e o general de Sousa entrou. Depois dos cumprimentos, o brigadeiro pegou dum papel e disse que ia tratar de varios assuntos; e para começar informou de que no Regim.^{to} de Artilh.^{ta} de Coimbra havia, em arrecadação, umas «caypalthas» que tinham ido do Arsenal desmanchadas e estavam ainda por armar; explicou no regim.^{to} o sabia fazer e tornava-se urgente que fosse um tecnico do Arsenal a Coimbra para proceder a esse serviço.

O ministro abriu os olhos e parece que não percebeu logo. Ainda perguntou, na duvida:

— Unas caypalthas?

— Sim, unas caypalthas...

— Mas não ha lá um sarpento, ao menos, que seja capaz de as armar? Isso é uma coisa que qualquer quartaleiro deve saber!

É irónico, perguntou ainda ao brigadeiro:

— Então V... veio a Lisboa por causa das dumas campalhas?

O Gomes de Sousa G. percebeu a ironia, apontou vagam.^{te} para o papel:

— Tenho aqui uns outros casos...

— Pois bem, disse o ministro, como podem ser de pequena importância do primeiro, é melhor V... voltar por cá talvez amanhã...

O brigad.^{te} saiu; e o ministro voltou do-re para o Larmith concluiu:

— Veja V... a que meu ministro está sujeito! Vir de Coimbra com seu cavandante de Regias por causa das dumas campalhas!

E continuou com o despacho.

Novembro: 24.

Hoje tive sessão do Conselho de Arte. O Gomes de Almeida apresentou uma proposta (que foi redigida pelo Ant.^o Augusto Gonçalves) para que eu assumisse a presidencia visto que cessaram as razões que me afastaram do cargo.

Todos queriam aceitar logo para se me remir livres do problema da presidencia. Eu apresentei razões p.^{ra} não aceitar e pedi para o assunto ser adiado e ponderado.

Não queriam. Quasi fiz questão e só a custo de muito trabalho consegui que

o caso se adiasse para eu poder confe-
renciao com o Tomas de Fausseca acerca
do assunto.

Foi um expediente dilatorio.

O Laurencço, depois da peesão, dizia-
me com ares de convencido:

— U... tem que aceitar! Temos que com-
pletar a obra.

A obra!... a obra que temos que
completar é apauhar outro pontapé e
sentir que o Conselho nos deixa só.

Já dei as m.^{as} provas — e farão
más. Mas cáio neutro.

Deramuro: 5.

Hoje, o Tomas de Fausseca procurou-
me para insistir sobre a presidencia do
Conselho de Arte. Dizia que o Conselho me
deia essa reparação, etc.

Preocupando-me o que, a tal respeito,
dissera o dr. Joaquim de Carvalho, disse-
me que este se mostrara reservado, que
falara vagamente na necessid.^o de se pen-
sar bem no assunto...

Ainda bem! O medo delas é que me
ha-de salvar.

Eu posso lá voltar a presidir ao Con-
selho de Arte! Estão ~~se~~ a mais e não
me pinto lá bem.

Dezembro: 13.

O Tomas da Fonseca procurou-me para me dizer que se vai organizar aqui uma comissão para recundar a que se organizou em Lisboa p.^o eripir um monumento ao dr. António José de Almeida. E acrescentou que o meu nome foi lembrado e aceite.

No prox.^o domingo, 15, vêem cá, em nome da comissão de Lisboa o general Sá Cardoso e o advogado José Eypenio Dias Ferreira.

Polere António José de Almeida!

Não havia em Lisboa outros delegados além dum general muito parvo e de um advogado laudido!

E' claro que na comissão de Coimbr.^a está medido o Alberto Dias Pereira que se mette em tudo como p.^o do por costura. Basta isto p.^o em recusar, pois não quero qualquer solidaried.^e com tal especie de gente.

Refrão — polere António José de Almeida!

Dezembro: 18.

Desde o caso da rec.^a demissão do Conselho de Ant.^a, em uma ou outra vez em

que encontro o dr. Ferraud de Almeida,
voltô a cara para o lado.

Hoje encontrei-me com ele no arco
de Almeida, no ponto mais estreito; e
não estava resolvido a olhar. Ele, porém,
fez tão ostensivamente e tão largamente
um cumprimento de chapéu que eu, por
na não ser malcriado, tirei o meu cha-
péu ao de leve, com ar superior, e deixei
passar o homem...

Que netão!



— 1930 —

Janeiro: 19.

Hoje tive sessão do Conselho de Arte e Arqueologia; e saí de lá com a convicção de que, na realidade, estou lá a mais.

Nesta terra de doutores quem não tem capelo e bolsa não paga nada... É ali, no Conselho, entre doutores e artistas, eu compreendo que não tenho lugar.

Não vale a pena registar os motivos destas amargas considerações; basta dizer que, na sessão, se resolveram assuntos que eu propuz quando fui presidente e para os quais não encontrei em tão apoio como que, antes, foram aceites com entusiasmo; as minhas intervenções na discussão de certos pontos eram recebidas com olhadelas furtivas; e quando eu disse, em voz baixa, ao meu vizinho de mesa, o dr. Alberto Pessoa que tudo aquilo que fôra aprovado já o estava no recinto e que não era necessário voltar a discutir, ele respondeu-me com a sua maneira irônica e engraçada:

— É certo... mas isso fica para a História... fica para que um dia qualquer investigador ache o caso interessante... e apara... faz-se caso de novo!

Entendi que me devia calar para não parecer despeitado; mas compreendi que sou ali inútil. É como tal, sem barulho, deixarei de comparecer às sessões, aos poucos, para não dar nas vistas — até que sobre mim se faça o silêncio que eu, afinal, tenho procurado sempre.

Todas as vezes que me quiserem elevar eu fico admirado e resisto quanto posso; depois... prova-se que erraram no juízo que faziam, mas já se não evita o desgosto nem a inutilidade.

Audo a ler Marco Aurelio. Há lá muita coisa boa p.^a consolar.

Ora o Vergílio Correia apresentou-me a sessão o 1.^o numero da revista Arte e Arqueologia. Ficou um pouco diferente do que eu imaginei e do que ficou combinado; pareceu, mas ficou má.

O Vergílio teve palavras amáveis para mim, disse que eu merecia os louvores do Conselho pela iniciativa e pelo impulso dado. Todos fizeram sinais afirmativos com a cabeça que me pare-

eram pro-farum, e não sei se as palavras de laudar foram p.^a a acta.

Deu-se realmente o que eu pensei: o Vergilio tomou conta da revista porq.^e se convenceu de que lhe convinha; em Agosto passado recebi um lithete dele pedindo-me para mandas pagar aos Martão & C.^a o papel cauché que ele mandára vir para as estampas do seu artigo do qual queria tirar separata; e explica-me: « desculpe a interferencia mas em "necessidades do meu trabalho impres-"
"so.» assim se explica tudo...

O numero pouco mais traz daquilo que eu deixei; apenas um artigo sobre o Museu de Lamego que o Vergilio não quiz que ficasse atrás do de Ureu... e duas notas necrológicas: uma a respeito do dr. Julio Sep.^{to} Henriques e outra a respeito do meu tio Albino Caetano de Silva; esta ult.^a feita por Antonio Augusto Gonçalves.

Do menos, não se perdeu a iniciativa e oxalá ela não fique apenas neste numero primeiro.

Janeiro: 23.

A Universidade Livre de Coimbra convidou o dr. Manuel de Brito Camacho pa-

na fazer aqui uma conferencia. O Alvarado Viana de Lemos é q. me escreveu e combinou com ele.

O Camacho disse q. sim e deu o tema: Liberdade de pensar. Libertad^a de expressãõ do pensamento. O Viana de Lemos, porreu, achou o tema forte de mais para a occasião e pediu que fizesse antes uma conferencia de caracter pedagogico. Ele accedeu e mudou o novo tema: Direitos da creança e direitos do homem.

Assim ficou.

O Camacho veio ontem no Sud-express. Fui espera-lo com os membros da direcção da Univerid.^a Livre e alguns antigos unionistas. Estava tambem o dr. Pacheco de Azevedo, professor da Univerid.^a, catolico, monarchico e ultimam.^{te} envolvido no caso do banco "Ayola & Metropole". Pois bem: a chegada do camacho, o Brito Camacho, ao descer, caiu nos braços do Pacheco de Azevedo, com largas effusões, abraços, etc. — e para nós outros houve os cumprimentos, aliás affectuosos, mas simplesmente cerimoniaes.

Achei graça.

Para fazer horas, eu e o medico Costa Mota, demos um passeio de automovel pela estrada da Beira e depois pelo Jardim

Municipal e por fim, por ele para lá se encaminhar, e levou contra minha vontade, pela Calçada, rua do Visconde da Luz e Sofia fora.

Foi quasi um acontecimento a passagem do Camacho pela parte concorrida da cidade e, de mais a mais, só com o Costa Mota e comigo.

Da conversa saíram anedotas, apreciações politicas, perguntas acerca do auditorio que iria ter, etc. etc. Ao parar em frente da Igreja de S.^{ta} Cruz e ao ver muita gente desculheria-se ao passar, teve esmentários curiosos sobre esta moderna manifestação de religiosidade.

Depois, foi jantar e eu vim, tambem, jantar.

As 8 h. e mais lá estava no hotel Augusta para o acompanhar até a Associação dos Artistas, onde seria feita a conferencia.

Um pouco antes de eu chegar, tinha ido ao hotel apresentar cumprimentos, o coronel reformado José da Silva Bandeira. Ainda bem que eu não estava presente; se o estivesse teria feito escaudalo. O coronel Bandeira, noutros tempos, bastante accusou o Camacho, chegando ao ponto de dizer a quem queria ouvir que

ele receberia dinheiro dos alemães para fazer a campanha contra a guerra e para mandar deitar fogo ao depósito de documentos aí por 1916 ou 1917 salvo erro; e o que é mais curioso é que dizia isto convencido. Agora, veio cumprir com esse traído à pátria...

Coisas da vida.

Lá fomos para a Associação dos Artistas. Tudo é muito. Grande confusão de gente e atmosfera carregada.

A chegada, enorme ovacão e vivério. O auditório tirou o ventre de miserias...

Eu estive para não fazer a apresentação como ficou combinado; mas o Moura Pinto, que veio com o Camacho e o próprio Camacho me indicaram que seria conveniente. Avancei f.º a letra; li quatro ou seis períodos e dei a palavra ao conferente. Nova ovacão entusiástica quando o Camacho se aproximou.

A conferência levou mais de hora e meia seguida com atenção embora interrompida com ovacões em certos pontos.

Mas... o tema pedagógico que indiquei foi interfolado com anedotas fíricas e alguns comentários contra a ditadura que a ~~se~~ assembleia recebeu com enormes aplausos.

O Mauro Pinto, sentado ao meu lado logo atrás do conferente, exultava; mas a verd.^{de} é que eu não concordei. A Univ.^{rsid.} Livre não o convidára para um comício e a conferencia, de certa altura eu deante, ia descauchando eu comício.

A certa altura sei que o entusiasmo do auditorio se ouvia bem alto, vi entrar o commissario de policia seguido por um chefe e uns guardas. Concluí que vinha p.^{ra} suspender a sessão e isto concluíram as pessoas que estavam p.^{ra} esse lado, pois notei que fizeram tal pressão uns contra outros que, por mais que quizesse, o commissario não conseguiu furar e ficou-se a ouvir, de presença espiado até que resolveu voltar p.^{ra} traz e desaparecer.

Foi mais pinal.

Da conferencia, meus pensamentos talvez a mais feliz pelo effeito sobre o auditorio, é a que aqui deixo resumida: censurava os detractores da formula revolucionaria "Liber.^{de}, Igualdade e Fraternidade", tão discutida e vilipendiada; contem que houve em França quem a quizesse alterar, perante a ameaça do de crescimento da população ou "Liber.^{de}, Igualdade e Maternidade"; lembrou que noutros países a formula tem sofrido

evolução correspondente ás condições do ambiente social e político; e terminou por dizer que em Portugal, ultimamente, e 3.^a felicidade de nós todos, o problema estava resolvido pois em vez das tres palavras magicas da Revolução Francesa, havia esta outra formula sintetica mas verdadeiramente completa:

— Infantaria, Cavalaria e Artilharia!

É claro que se requiriu estrepitosa reacção com muitos risos.

Esplendida conferencia, e' certo, como são sempre as do Brito Camacho; mas a verd.^a é que descaubou em co-municio — o que não estava no programa. Eu, no fim, commentei para o Mauro Pinto:

— Ora vamos a ver agora que bondade é que vem!

O Mauro Pinto disse que não, que não se atreveriam a violencias; mas o certo é que o proprio Camacho quando eu lhe agradei em nome da Universidade Livre, respondeu apenas:

— Não tem que agradecer... Eu é' 3.^o peço desculpa se lhes faço passar algum máo tocado...

Notei a frase e, com franqueza, não gostei muito.

A' saída os estudantes, em certo numero e algum povo, fizeram manifestações; a policia não appareceu. O Camacho foi acompanhado até ao hotel por nós, os da Univ. de Liure, e por muita gente que caminhava em silencio.

A' porta do hotel despedimos-nos, todos se desculheram e pronto.

Hoje, o Camacho seguiu no Sud para Lisboa. A' despedida lá estava o dr. Pacheco de Avarim que teve palavras que os republicanos não tiveram.

Notei de novo e de novo achei graça...

Os jornais da terra resumem o caso naturalmente nos termos em que a censura autorizou. Guardo a noticia que veio no n.º de hoje da Gazeta de Coimbra.⁽¹⁾

Janeiro: 27.

Encontrei hoje o Secretario Geral do Gov. Civil, Costa Rodrigues, que me contou que no dia seguinte ao da conferencia do Brito Camacho foi procurado no seu gabinete pelo commissario de policia e pelo official chefe da Informaçao que lhe

⁽¹⁾ Ver adiante, pag. 394.

preguntaram, com certa arrogancia, por quem tinha autorizado a sessão.

Respondem q. a Universidade Livre tinha as suas conferencias autonomas e nunca houve q. ter qualquer intervenção.

— Mas a conferencia redundou em cornicio, observou o commissario.

— Isso era com V. Ex.^{as} ... Se o conferen-
te saiu fóra do assunto ou o auditorio fó-
ra da ordem, a policia devia intervir ...

— Temos crear um conflito ...

— Mas com isso nada tenho ... Es-
ses assuntos são com V. Ex.^{as}.

O commissario calou-se; mas o ho-
meme da Informação disse que ia fazer
um relatório.

Janeiro: 29.

Hoje houve sessão na Universidade
Livre com umas confer.^{as} sobre Boscage.
É claro que a autoridade não appareceu.

Fui lá prevenido de que o adminis-
trador do concelho de Mortágua, um ex-
oficial de Artémaria, de nome Valerio e
actualmente estudante, dissera ha dias
naquelle vila que a conferencia do Barão
Cavachos ainda havia de dar gristões.

Será simplesmente Casofia?

Janeiro: 30.

Fui hoje á Associação dos Artistas, onde havia reunião de direcção, para agradecer a cedência da sala p.^a a conferencia do Brito Camacho. Estavam já em sessão e precisavam de discutir o caso seguinte:

Outrem, 29, o presidente da assembleia geral foi chamado ao Governo Civil e induzido a não voltar a ceder a sala para qualquer especie de conferencias, dado o mau resultado que teve a ultima.

Os presentes estavam muito arreliados com o caso; eu, como não sabia verdadeiramente com quem falar, mantive-me um pouco á conselho de Acacio — e lá disse palavras amáveis de agradecimento e de consolação. O presidente da direcção pareceu-me, parecer, que se eu o desafiava a desabafa diria mais alguma coisa do que disse.

Enfim, será só este o procedimento dos ditadores? Se é só este é um tanto ou quanto comico porque afinal foram bater nos que menos culpas têm.

Janeiro: 31.

Estavam annunciadas p.^a hoje varias sessões de homenagem aos mortos de 31 de Janeiro.

A policia, porém, proibiu tudo. Cercou as casas onde se realizariam as sessões e mandou uma força para o cemitério dos Olivais p.^a impedir manifestações perante o túmulo do dr. José Balcão.

Fevereiro: 23.

Ha dias saiu uma portaria do Ministerio da Instrucção que nomeava uma comissão para se fazerem excavações em Candeixa-a-Velha.

Dessa comissão faz parte o Vergilio Correia, unico vogal do Conselho de Arte e Arqueologia ~~na~~ nela representado. Os outros membros da comissão são leutes da Universidade, um architecto e creio que um engenheiro.

Encontrando-me hoje com o Tomás de Sousa, este disse-me que procurára o dr. Vergilio Correia para saber como as coisas se passaram e que este se mostrára irritado com a intervenção ~~de~~ e declarára que o Conselho nada tinha ~~com~~ com o assunto!

O Tomás achou exquisita tal maneira de ver especialmente quando o Vergilio lhe disse que fôra ele quem promovera e fizera a portaria; e em vista disso ia pôr a questão em Conselho e que se este não

fizesse caso pediria a demissão do cargo.

Eu dei-lhe razão pois não via justificação p.^a o procedimento do Vergílio — a não ser que este quizesse arranjar uma comissão submissa p.^a poder fazer o que quizesse sem pedir embargos.

No entanto procurei assegurar o Tomás e acusei-lhe-o o melhor que podia. Contra o meu costume disse-lhe que não reuvasse contra a maré; que as coisas são o que são e que se ele quizesse o caso em Conselho não encontraria apoio porque ninguém iria contra o Vergílio e ele, Tomás, ficaria mal colocado e teria de se ir embora sozinho, etc. etc. Falei mais de 1 quarto de hora como velho de longa experiência...

Terminei por dizer que o melhor seria deixar correr, que não reunisse o Conselho, que se limitasse ao expediente marcial, que ~~se~~ respondesse só ás coisas a que não poderia deixar de responder; e concluí pela história dum homem que se propôs a ensinar a ler um burro...

Ele ouviu atentamente e, de certo, com alguma admiração; mas concordou ou, pelo menos, pareceu concordar.

O Conselho está morto. Faltá uma direcção forte que metta os vagais na ordem. Cada um puxa para seu lado. E

seu do assim para que se ha-de acudir a
reunir contra a maré?

E depois eu sei bem que o Tomás não
encontraria apoio; levá-lo um choque e
isso seria um alívio para os reaccioná-
rios todos.

Eu não voltarei lá muitas vezes se
é que lá voltar alguma; mas eu não me-
ia q. o Tomás fosse obrigado a sair nestá al-
tura eu q. as coisas estão como estão.
Creio, porém, que o Tomás mediu bem o q.
me disse e que aproveitará os meus po-
bres conselhos.

Março : 8.

Vejo nos jornais a seguinte notícia:

« A Comissão de Historia Militar. — O pr.
ministro de Guerra assinou a seguinte por-
taria: "Tendo falecido o gen.^{al} reform.^{do} José Ces.
Teófilo de Moraes Sarmento presid.^{te} da C. H.
M. creada pelo D. n.º 9290 de 12 de Dezembro
de 1920, manda o Gov.^o da R. P. pelos minis-
tros de Guerra, de Marinha, das Colonias e
da Instrução Publica nomear: o general na
situação de reserva Veteriano José Cesar que
já faz parte da mesma Comissão como vo-
gal p.^o o cargo de presidente e o cidadão Dr.
Antônio Calveira para o cargo de vogal ci.

vil, em substituição do ten. car.º na situação de reforma deuy.º Botelho da Costa Veiga, representante do Ministério da Instrução Pública na referida Comissão que passa a ocupar a vaga deixada pelo general Vitoriano José Cesar. " » .

Vou ter, pois, na presidencia da Comissão o meestre de historiografia militar; e como vogal o grande António Calveira.

Se não perdesse com isso a gratificação que ainda é importante e me fazia falta, pediria a demissão de vogal.

Assim, faço de conta — e vamos andando.

Março: 12.

Fui hoje procurado por dois estudantes da Direcção do Centro Republicano Académico que me convidaram para presidir á conferencia que em 14 do corrente o dr. Joaquim de Carvalho vai fazer como introdução a uma serie de conferencias subordinadas ao tema: Fundamentos da Democracia

Puz as m.ºs devidas por se tratar de um professor de capelo e barba; não quizesse o diabo que ele proprio (dr. Carvalho) leve a real tal convite.

Aceusei os rapazes a irem ponda-lo; e se vissem que ele aceitava de boamente o meu nome, então iria com m.^{ta} boa vontade.

Marco: 14.

Hoje, de tarde, disse-me um oficial que no Quartel-General da Região se disseram se se devia ou não deixar o dr. Joaquim de Carvalho fazer a sua conferencia de hoje. Um dos officiais da discussao teve esta frase:

— Falar de Democracia nestes tempos! A Democracia lhes dava eu!

Quem isto me contou não quiz dizer quem foi o autor da frase.

A noite sempre se realizou a conferencia na sala do Sport-Club Commercense, à Estrada da Beira.

Lá fui presidir, pois os rapazes me disseram que o dr. Carvalho aceitara bem a lembrança do meu nome. Li o meu discurso de desculpa... Poucas palavras justificaram a minha presidencia, amabilidade ao conferente e mais nada.

Fui secretariado por dois professores universitarios, o Adriano Vaz Serra, de direito e o Silvio Lima, de Letras. Não sei

se gostaram da posição subalterna, mas lá estiveram muito firmes nos seus lugares.

Março: 16.

Fui hoje visitar o general Tarnith, e conversar um pouco com ele. Falou-me em m.^{ta} coisa, mas o que quero fixar por que achei interessante foi o convite que o governador civil fez ao general, por intermédio do Luis José da Mota, para ser o presidente da Câmara de Coimbra.

Perante o espanto e a recusa do general, o Mota insistiu e chegou a propor para que, ao menos, aceitasse até á vinda do rei de Espanha. Depois, que passasse o cargo ~~se~~ se quizesse...

— Não que fosse até á vinda do rei do Inferno! respondeu o Tarnith.

Março: 18.

Hoje, na Gazeta de Coimbra, vem a seguinte noticia:

« Conferencias.

« O sr. dr. Joaquim de Carvalho realizou na ult.^a sexta-feira a sua primeira conferencia á convite do Centro Republicano Academico, sobre a Democracia, seu fun-

darmento e ualôr, á qual precediu o sr. Belis. Pimentá secretariado pelos srs. dr. Sílvio de Lima e Vaz Serra, professores respectivamente das Facult.^{es} de Letras e de Direito. A proxima confer.^{encia} do sr. dr. Joaquim de Carvalho realiza-se no dia 21 do corrente e versará sobre Individualismo e Pessoa.»

Março : 21.

Fui na noite á Baixa, p.^{ra} assistir á 2.^a conferencia do dr. Joaquim de Carvalho.

Dirigi-me ao "Sport-Club" e... tudo fechado! Vim á Calçada e aí disseram-me que a conferencia fôra adiada porque á ultima hora a direcção da casa suspendeu a autorização.

Pelas conversas vim a saber que alguns officiais que pertencem á direcção do "Club" foram os causadores da suspensão. Entre elles está o tenente chusdeu da Paz Olimpica, do Guardo N. Republicano que é creature absolutamente dedicada á actual situação politica.

Tudo assim se explica.

No jornal Alma Nova da Laurã, no seu n.^o 246 de ontem vem noticia da conferencia de 14 do corrente e chama-me «o velho e illustre republicano...»

«Vá lá!... Podiam ter-me chamado coisa pior. Ainda são amigos.»

Abril: 3.

No Diário de Notícias, de 2.º, de hoje, vem com gravura que, por curiosidade aqui arquivar, a notícia da constituição da Comissão de História Militar a cuja presidência ascendeu o veterano José César para substituir o velho Morais Sarmento, falecido.



La ficou também o ilustre Antão Galveira a apadrinhar os comissionados e o Costa Veiga, o «Veiga das curvas» do meu tempo da Escola do Exército.

Que sejam felizes.

Eu cá vou fingindo que não dei pela remodelação.

Abril: 8.

Vi no Primeiro de Janeiro de hoje a transcrição da ordem do exercito ultima; lá vem, finalmente, a mi.^a promoção a Tenente coronel. Ao chegar a casa recebia um bilhete do ten.^{te} João Pereira de Brito, da 1.^a Repartição do E. G. que me comunicava o facto e me dava os parabens.

Continuo no Quadro e sou commissão. Antes assim.

Em Dezembro passado, procurei o general Lamith e pedi-lhe para ele perguntar ao ajudante-general Miguel Baptista da S.^a Cruz o que poderia acontecer-me quando fosse promovido. Da verdade, pouco depois, o Lamith procurou-me para me mostrar a resposta do general Silva Cruz a qual dizia que « enquanto o nosso ministro não determinar o contrario, o teu recommendo continuará na situação em q. se encontra. »

Vê-se q. continuo na mesma, e ora lá que sim.

Abril: 9.

Recebi hoje a comunicação official do Quartel-General, em nota n.^o 655 de ordem, de q. fui promovido. Consultei em seguida sobre se devia ou não apresen-